Ana Patrícia da Silva
Organizadora

O corpo como prática pedagógica

corpo consciente e formação docente entre Rio de Janeiro e Augsburg



Pedro & João editores

O CORPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA:

corpo consciente e formação docente entre Rio de Janeiro e Augsburg

Pedro & João
editores

Ana Patrícia da Silva
(org.)

O CORPO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA:

corpo consciente e formação docente entre Rio de Janeiro e Augsburg

Autoras e autores

Ana Patrícia da Silva
Caio César De Rosa Bittencourt
Camilla Ribeiro Ramos Antunes
Fabiana Rodrigues de Sousa Mast
Izabelly dos Santos Santana
Jessica Costa dos Santos
João Victor de Oliveira Pinto
Jorge Manoel da Silva Junior
Lucas Pereira de Souza Lima
Michael Pires Soares
Rafaela Soares Cortes
Tamires Pecina da Silva

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores. Esta obra resulta do projeto "O corpo como prática pedagógica: um diálogo entre Rio de Janeiro (Brasil) e Augsburg (Alemanha)", desenvolvido no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) com apoio do Programa de Incentivo à Docência na Graduação (Prodocência) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que concedeu bolsas à coordenadora e a licenciandas e licenciandos.

Ana Patrícia da Silva [Org.]

O corpo como prática pedagógica: corpo consciente e formação docente entre Rio de Janeiro e Augsburg. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 110p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3375-8 [Impresso]
978-65-265-3376-5 [Digital]

DOI: 10.51795/9786526533765

1. Educação Física escolar. 2. Formação docente. 3. Corpo consciente. 4. Prática pedagógica. 5. Inclusão. I. Silva, Ana Patrícia da (org.). II. Título.

CDD – 372.86

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Diany Akiko Lee e Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Declara-se o uso da ferramenta de inteligência artificial generativa Claude (Anthropic) na revisão e na organização do manuscrito, sob orientação da organizadora. A ferramenta não foi utilizada na concepção do projeto, na produção dos registros das aulas nem na formulação da categoria corpo consciente. A organizadora e as autoras e os autores são responsáveis pela integridade do conteúdo final, tendo revisado e validado integralmente o texto.



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

APRESENTAÇÃO

> "Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser outro rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida" (Bispo, 2023, p. 15).

Começo o presente texto com uma epígrafe de Antônio Bispo dos Santos (2023), mais conhecido como Nêgo Bispo, afirmando a potência das confluências. Também dizendo que o presente livro é uma confluência…

Há encontros acadêmicos que são instigantes e desafiadores, além de afetivos. Dessa forma, recebi o convite, como uma confluência que deságua, para apresentar o livro "O corpo como prática pedagógica". São dois motivos que me levaram ao aceite da empreitada: i) Primeiro, porque o afeto que tenho e mantenho pela coordenadora do projeto, professora Ana Patrícia, é mobilizador. Sua relação profissional é responsável, comprometida e humanizadora. ii) Segundo, porque acompanho de perto o projeto, no cotidiano escolar e nas múltiplas redes formativas, percebendo que há seriedade e compromisso de todas as pessoas envolvidas.

O livro é fruto do projeto de Prodocência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que tem como objetivo central atuar na formação docente inicial em diálogo com a realidade do chão da escola. Por isso mesmo, os temas que vocês, leitores e leitoras, vão encontrar, ao longo dessa instigante leitura, são mobilizadores de conhecimentos dialógicos, formativos, políticos e

necessários à formação de quem vive as muitas facetas do cotidiano escolar. Ou seja, é um livro endereçado para todas as pessoas que atuam na escola.

"O corpo como prática pedagógica" nasce como uma obra promissora porque nos movimenta, nos faz pensar e confluir para "outros rios", ampliando nossa percepção do mundo, valorizando a experiência, as contradições e o diálogo com a educação pública no Brasil.

Por fim, espero que o livro seja um artefato capaz de ampliar horizontes contribuindo para uma sociedade mais justa socialmente e capaz de compreender a multidimensionalidade do corpo nos fazeres-saberes pedagógicos presentes na atualidade. Sigamos!

Referências

BISPO, A. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISAGRAMA, 2023.

Rio de Janeiro, Primavera de 2024,

Luís Paulo Cruz Borges.
Professor do CAp-Uerj, ProPEd-Uerj e Procientista (2025-2028).

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
DO CHÃO DA QUADRA A AUGSBURG: CORPO CONSCIENTE E FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA 9
Ana Patrícia da Silva

CAPÍTULO 2
QUEM ENTENDE AS REGRAS DECIDE COMO JOGAR: VÍDEOS SOBRE O REGULAMENTO DA 46ª OLIMPÍADA DO CAp-UERJ 25
Izabelly dos Santos Santana
João Victor de Oliveira Pinto
Jorge Manoel da Silva Junior
Jessica Costa dos Santos
Tamires Pecina da Silva

CAPÍTULO 3
BOCHA, PUNHOBOL, SLACKLINE: ESPORTES POUCO CONHECIDOS E CORPO CONSCIENTE NO 2º ANO 37
Caio César De Rosa Bittencourt
Camilla Ribeiro Ramos Antunes
Lucas Pereira de Souza Lima

CAPÍTULO 4
PLANOS QUE ATRAVESSAM O OCEANO: CORPO CONSCIENTE E FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE BRASIL E ALEMANHA 61
Michael Pires Soares
Rafaela Soares Cortes
Fabiana Rodrigues de Sousa Mast

APÊNDICES E ANEXOS 69
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES 105
ÍNDICE REMISSIVO 109

CAPÍTULO 1

DO CHÃO DA QUADRA A AUGSBURG: CORPO CONSCIENTE E FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Patrícia da Silva (CAp-UERJ)

INTRODUÇÃO

Entre 2022 e 2025, coordenei, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), o projeto "O corpo como prática pedagógica: um diálogo entre Rio de Janeiro (Brasil) e Augsburg (Alemanha)". A iniciativa, aprovada no Programa de Incentivo à Docência na Graduação (Prodocência) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi concebida como uma experiência de formação docente. Reuniu licenciandas e licenciandos em Educação Física do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD-UERJ), turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental do CAp-UERJ e estudantes da turma FA1 da Fachakademie für Sozialpädagogik (Escola de Formação Profissional em Pedagogia Social) do Bfz Augsburg, na Alemanha, sob orientação de Fabiana Rodrigues de Sousa Mast, então professora de Pedagogia do Movimento e Rítmica da instituição. Ao apresentar o percurso dessa parceria, este capítulo introduz o livro e explicita a perspectiva teórico-pedagógica que orienta a análise das experiências desenvolvidas.

O projeto partiu de uma inquietação antiga da minha trajetória: que corpo a Educação Física escolar toma como objeto e o que acontece com as crianças cujo corpo não corresponde ao padrão pressuposto pela aula? A formação foi organizada como resposta prática a essa questão. Licenciandas e licenciandos planejaram, conduziram e registraram aulas, produziram materiais

didáticos e, no último ano, adaptaram às turmas do Rio de Janeiro planos elaborados em Augsburg.

Neste capítulo, apresento a categoria corpo consciente, que formulei a partir da obra de Paulo Freire, e explico em que sentido ela é empregada como dimensão de análise da relação do corpo com o mundo. Em seguida, situo a parceria com Augsburg com base nos materiais produzidos pela equipe alemã e descrevo o percurso do projeto como relato de experiência de formação docente, indicando como os capítulos seguintes analisam as atividades desenvolvidas. Ao longo desse percurso, sustento que o principal resultado do projeto foi formativo: a equipe aprendeu a planejar a partir da leitura dos corpos concretos das turmas e, no trabalho com os planos de Augsburg, reviu sua interpretação inicial do material alemão.

O texto assume a forma de relato de experiência, entendido como descrição e análise de uma experiência vivida com recursos metodológicos da escrita científica (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Os capítulos contextualizam as ações, narram o trabalho realizado, analisam criticamente o vivido com base em referencial explícito e apontam contribuições e limites. As fontes compreendem os planejamentos, os registros de aula elaborados pela equipe, os materiais didáticos produzidos, as publicações do perfil do projeto no Instagram e os planos de aula recebidos de Augsburg. Como esses registros foram produzidos no contexto da própria experiência e não por meio de um instrumento padronizado, eles sustentam a análise do processo formativo, mas não permitem afirmar efeitos sobre a aprendizagem das crianças.

DA EXPRESSÃO À CATEGORIA: O CORPO CONSCIENTE COMO DIMENSÃO DE ANÁLISE

A expressão corpo consciente aparece em vários textos de Paulo Freire. Em *Extensão ou comunicação?*, ele afirma que, como "corpo consciente (consciência intencionada ao mundo, à realidade) o homem atua, pensa e fala sobre essa realidade" (Freire,

1983, p. 45) e, páginas adiante, que "o homem é um corpo consciente" (Freire, 1983, p. 51). No diálogo com Antonio Faundez, a expressão ganha formulação mais concreta:

> O corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive. (Freire; Faundez, 1985, p. 192).

Nessas passagens, Freire descreve uma condição ontológica: o ser humano é uma existência corporal e consciente, indissociável do mundo e dos outros. Freire não fez dela uma categoria de análise nem uma proposta de ensino, e a Educação Física quase não aparece em sua obra. O uso que faço da expressão parte dessa distância (Silva, no prelo). A expressão já foi sistematizada como conceito freireano, inclusive com verbete próprio no *Dicionário Paulo Freire* (Gonçalves, 2019 *apud* Martins; Nogueira, 2021); o que proponho aqui é outra operação, a de convertê-la em categoria de análise da prática pedagógica inclusiva.

Chamo de corpo consciente a categoria que venho construindo desde minha dissertação de mestrado sobre o princípio de inclusão na Educação Física escolar (Silva, 2004). Só a reconheci como categoria quase vinte anos depois, ao reler o texto para publicá-lo (Silva, 2023). O deslocamento que ela realiza é deliberado: toma a expressão do registro ontológico e a leva para o registro didático-pedagógico, onde passa a servir como ferramenta de leitura e de planejamento da Educação Física escolar (Silva; Corrêa, 2026). O eixo da categoria é a relação do corpo com o mundo. Assim entendida, a categoria não descreve um atributo individual, e sim o lugar que cada corpo ocupa nas relações com o mundo e com os outros, lugar que a aula de Educação Física pode confirmar ou deslocar (Silva, no prelo). Em termos pedagógicos, a categoria diz respeito ao processo pelo qual meninas e meninos percebem, no modo como seus corpos são tratados na escola, marcas de história,

classe, raça, gênero e deficiência, e passam a questionar, com o grupo, as condições que os deixam à margem da aula (Silva, 2026).

Essa leitura se apoia em três fios da obra freireana. O primeiro é a leitura do mundo, que antecede a leitura da palavra: antes de decifrar letras, a criança já lê o espaço, os gestos e os lugares onde pode ou não entrar (Freire, 1982). O segundo é a inconclusão: o ser humano se sabe inacabado e, por isso, está em movimento permanente de busca (Freire, 1987). O terceiro é a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, que não se resolve no indivíduo isolado, mas no diálogo com outros sujeitos que leem a mesma realidade de outros lugares (Freire, 1967). A essa base acrescento duas noções freireanas que orientam a leitura das práticas escolares. As situações-limite são obstáculos historicamente construídos que os sujeitos percebem como barreiras intransponíveis (Freire, 1987). Os inéditos-viáveis são as possibilidades de superação que se abrem quando essas situações são submetidas à reflexão coletiva (Freire, 1987). O termo corponormatividade, vindo dos estudos da deficiência (Mello, 2016), nomeia a norma que toma como referência um corpo produtivo, esteticamente aceito e fisicamente capaz. Na Educação Física, essa norma funciona como situação-limite: faz parecer natural que fiquem de fora os corpos que não a cumprem (Silva, 2026).

A categoria tem um risco. Falar de corpo no singular pode universalizar a experiência corporal e apagar raça, gênero, classe e deficiência. Para enfrentá-lo, parto de um pressuposto: a relação do corpo com o mundo muda de figura conforme muda o corpo que a vive, e por isso a categoria só funciona quando lida em conjunto com os marcadores de diferença que atravessam cada turma (Silva, no prelo).

Neste livro, o corpo consciente é usado como dimensão de análise. Isso significa que cada relato é lido a partir de um conjunto de perguntas derivadas da categoria: como o espaço, as regras e os materiais da aula organizam quem participa e quem fica de fora? Em que momentos as crianças puderam dizer, em palavras, o que viveram no corpo? Que situações-limite apareceram na aula, como

o medo de errar, a zombaria diante do erro ou a separação por gênero, e que inéditos-viáveis a equipe construiu diante delas? Que decisões as crianças puderam tomar sobre a própria prática? Que marcadores de diferença atravessaram cada situação? E, por se tratar de formação docente, uma pergunta se aplica também às licenciandas e aos licenciandos: o que mudou na leitura que a equipe fazia dos corpos das crianças e do próprio trabalho?

O CORPO COMO OBJETO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A pergunta pelo corpo que a Educação Física toma como objeto não é nova. Le Breton (2009) lembra que o ser humano só existe pelo corpo e com o corpo, e retoma de Marcel Mauss a afirmação de que "o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem" (Mauss *apud* Le Breton, 2009, p. 39). Retomando a fenomenologia, que distingue na língua alemã o corpo como coisa (Körper) do corpo vivido (Leib), Mondin (2003) contrapõe duas tradições: a que trata o corpo como objeto e a que o estuda como lugar de sentidos e significações. Ortega (2008) mostra que, quando a ciência se apropria do corpo pelo *Körper*, o sujeito passa a ocupar o lugar de objeto e não de ator da própria história.

Na Educação Física brasileira, essa tradição tem raízes conhecidas. Ana Márcia Silva (2006, p. 84 *apud* Zoboli; Silva; Correia, 2013) observa que as concepções de corpo e movimento centradas na dimensão anatomofisiológica atribuem ao corpo a condição de objeto material, passivo, a-histórico e desprovido de subjetividade. Soares (1994) mostrou que a herança higienista e militarista da Educação Física criou hierarquias entre corpos considerados aptos e inaptos. Essa herança persiste quando a escola declara incluir todos, mas mantém na aula uma seleção silenciosa de quem joga e de quem assiste (Silva; Corrêa, 2026).

Nas aulas de Educação Física do CAp-UERJ, essa seleção aparece em dificuldades psicomotoras, vulnerabilidades sociais, falta de espaço, preconceitos, constrangimentos, evasão e exclusão. Diante disso, o projeto partiu da pergunta sobre como planejar

aulas em que a relação de cada criança com o próprio corpo e com o grupo pudesse ser tematizada, discutida e transformada.

AUGSBURG: O CONTEXTO EDUCACIONAL DA PARCEIRA ALEMÃ

A parceria com Augsburg só pode ser compreendida à luz do sistema escolar em que se inseriu. Na Alemanha, a educação é atribuição dos estados federados (*Bundesländer*), e cada um organiza seu sistema com variações próprias. A escolaridade obrigatória começa aos seis anos. Na Baviera, a escola primária (*Grundschule*) dura quatro anos. Ao final desse período, os professores recomendam o tipo de escola secundária que a criança deve frequentar: a *Mittelschule*, de orientação prática e profissional; a *Realschule*, que combina formação teórica e prática até o décimo ano; ou o *Gymnasium*, de orientação acadêmica, que conduz ao *Abitur* (Mast, 2025).

A instituição parceira pertence a outro segmento desse sistema. A *Fachakademie für Sozialpädagogik* é uma instituição de ensino técnico que oferece uma formação de quatro ou cinco anos, reconhecida na Baviera como *Bachelor Professional* em Área Social, uma qualificação profissional alemã de nível não universitário. A instituição forma educadoras e educadores reconhecidos pelo Estado (*staatlich anerkannte Erzieher/innen*) para atuar em creches, jardins de infância, escolas e instituições sociais, por meio de uma estrutura modular que integra teoria e prática (Mast, 2025). Essa formação não tem equivalente direto no Brasil e não habilita para a docência na escola primária alemã.

A análise que a própria Fabiana Rodrigues de Sousa Mast faz desse sistema é crítica. Ela aponta a forte seleção social produzida pela separação precoce das crianças, aos nove ou dez anos, com base no rendimento escolar. Aponta também a orientação por notas, e não pelo desenvolvimento de cada criança; a desigualdade de acesso ao *Gymnasium*, muito mais frequentado por filhos de famílias com escolaridade superior; e uma inclusão garantida em

lei, mas limitada na prática, porque muitas crianças com deficiência continuam separadas em escolas especiais e centros de apoio (*Förderzentren*), o que contribui para rotulá-las como diferentes (Mast, 2025). Ao confrontar esse quadro com a pedagogia de Paulo Freire, a autora contrapõe a estrutura estratificada, a avaliação quantitativa e a relação vertical entre professor e aluno à educação dialógica, à crítica da educação bancária e à escola como espaço de participação e transformação social (Mast, 2025).

Lida pela categoria corpo consciente, essa análise mostra situações-limite institucionais diferentes das brasileiras, mas com o mesmo efeito de classificar corpos antes de ensiná-los: a triagem precoce por rendimento e a separação das crianças com deficiência. A comparação entre Rio de Janeiro e Augsburg permitiu, assim, observar se a relação do corpo com o mundo, estável em sua estrutura, muda de conteúdo conforme muda o contexto histórico e cultural em que o corpo se insere (Silva, no prelo).

No campo da Educação Física, a contribuição da parceira veio de uma tradição que a equipe brasileira desconhecia. Em agosto de 2022, no Rio de Janeiro, Fabiana Mast apresentou à equipe a Pedagogia do Movimento e Rítmica (*Bewegungspädagogik und Rhythmik*) e o conceito de Escola em Movimento (*Bewegte Schule*). O conceito parte da crítica às estruturas escolares rígidas e às queixas físicas e ortopédicas dos alunos. Hoje, ele entende o movimento como elemento integrador do cotidiano escolar (Thiel; Teubert, 2018 *apud* Mast, 2022). A Escola em Movimento organiza-se em quatro eixos: a estrutura pessoal e pedagógica da escola; a infraestrutura, do pátio aos móveis da sala; as características internas das aulas, como aprender em movimento, pausas ativas, sentar em movimento, relaxamento e a própria aula de Educação Física; e as características externas às aulas, como o recreio ativo, o deslocamento ativo para a escola e a cooperação com instituições do entorno. Seus objetivos declarados são motores, cognitivos e socioafetivos (Mast, 2022).

A Escola em Movimento tem origem na Suíça, e o pedagogo suíço Urs Illi é considerado um de seus principais precursores. A

partir da década de 1980, Illi questionou o modelo tradicional de escola baseado em longos períodos de permanência sentada e defendeu a integração da atividade física ao cotidiano escolar. Inicialmente, sua proposta esteve relacionada sobretudo à prevenção dos efeitos negativos do sedentarismo e à promoção da saúde. Posteriormente, o conceito foi ampliado, passando a compreender o movimento como parte integrante dos processos de aprendizagem, do desenvolvimento dos estudantes e da própria organização da escola. Pesquisadores como Ralf Laging contribuíram para sua sistematização e expansão no contexto da pedagogia escolar alemã (Illi, 1995; Laging, 2000).

Os planos de aula que chegaram de Augsburg em 2024, reproduzidos nos anexos A a E, seguem essa tradição. São propostas psicomotoras (*psychomotorische Angebote*) para crianças do segundo ano da Werner-Egk-Schule que participavam do projeto esportivo do Bfz. Os cinco planos foram elaborados no âmbito da parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik, sob coordenação de Fabiana Mast, responsável pela revisão pedagógica e pela versão final do material. Os documentos explicitam princípios didáticos de Renate Zimmer, como a participação voluntária (*Freiwilligkeit*) e a ação por iniciativa própria (*Selbsttätigkeit*) (Zimmer, 2014 *apud* Mast, 2024).

O PERCURSO DO PROJETO

O projeto foi organizado em três fases, uma por ano entre 2022 e 2024, seguidas de um período de continuidade em 2025. O cronograma inicial precisou ser refeito ao longo delas. A primeira versão, apresentada na aprovação do Prodocência, era linear e concentrava o planejamento na coordenação. Já no primeiro ano, a equipe reorganizou as atividades pelo movimento de ação e reflexão sobre a prática que Freire (1987) chama de *práxis*, de modo que as licenciandas e os licenciandos passassem a planejar, avaliar e replanejar as próprias aulas. A formação combinou encontros semanais online, de cerca de duas horas, e encontros presenciais

mensais, ambos dedicados ao estudo e ao planejamento. Em todos os anos, a equipe reuniu cinco bolsistas do Prodocência, cerca de quatro estagiárias e estagiários da graduação por semestre e voluntárias e voluntários em número variável a cada semestre.

Em 2022, a equipe dedicou-se à formação teórica na obra de Paulo Freire e ao encontro com a parceira alemã, que esteve no Rio de Janeiro em agosto. No mesmo ano, produziu vídeos para tornar acessível às crianças e às famílias o regulamento da 46ª Olimpíada do CAp-UERJ e os utilizou nas aulas do 5º ano. Essa experiência é analisada no capítulo 2.

Em 2023, a equipe tematizou o livro *Manual dos esportes pouco conhecidos* (Matos, 2022) com quatro turmas do 2º ano, confeccionou materiais com as crianças e encerrou o ciclo com a criação de um esporte por turma. Essa experiência é analisada no capítulo 3.

Em 2024, a equipe trabalhou com os cinco planos de Augsburg, recebidos em 16 de abril, traduzidos e aplicados a partir de 30 de abril, durante cinco semanas, com quatro grupos de aproximadamente quinze crianças do 2º ano. Essa experiência é analisada no capítulo 4.

Em 2025, período de continuidade, o Prodocência foi prorrogado até 30 de setembro, quando a UERJ encerrou o programa. Até essa data, com as bolsas mantidas, a equipe continuou a planejar e a conduzir aulas com as turmas do CAp-UERJ, sem estruturar uma nova ação como as dos anos anteriores. A formação concentrou-se no estudo do corpo consciente como dimensão de análise, aplicado às aulas e à releitura das experiências de 2022 a 2024, e na apresentação desses relatos em eventos científicos.

Participaram, no Rio de Janeiro, licenciandas e licenciandos do IEFD-UERJ e crianças do 2º e do 5º ano do CAp-UERJ, sob minha coordenação. Em Augsburg, participaram estudantes da *Fachakademie für Sozialpädagogik* e crianças do segundo ano da Grundschule, sob coordenação de Fabiana Mast. Os materiais utilizados nas aulas brasileiras foram simples e, em boa parte,

construídos com as crianças: bolas, cordas, bambolês, cones, elásticos, papel, tinta e sucata.

Os capítulos relatam experiências de um projeto de ensino voltado à formação docente, apoiado pelo Programa Prodocência da UERJ, e não de uma pesquisa com seres humanos. Por isso, enquadram-se no art. 1º, parágrafo único, inciso VII, da Resolução CNS nº 510/2016, que dispensa de registro e avaliação pelo sistema CEP/Conep o aprofundamento teórico de situações surgidas na prática profissional, desde que não se revelem dados que identifiquem os sujeitos (Brasil, 2016). O projeto foi autorizado pela instituição, e as famílias assinam, no ato da matrícula no CAp-UERJ, termo de autorização de uso de imagem das crianças. As imagens reproduzidas nos capítulos pertencem ao arquivo do projeto; ainda assim, optamos por desfocar os rostos das crianças para preservá-las.

O QUE OS CAPÍTULOS ANALISAM

O capítulo 2, escrito por Izabelly dos Santos Santana, João Victor de Oliveira Pinto, Jorge Manoel da Silva Junior, Jessica Costa dos Santos e Tamires Pecina da Silva, analisa a produção de vídeos sobre o regulamento da 46ª Olimpíada do CAp-UERJ. Nesse capítulo, o regulamento é tratado como condição de participação num evento que organiza os corpos de toda a escola. Uma criança que não compreende as regras participa menos e decide menos. O capítulo também registra um limite de acessibilidade: os vídeos não tiveram intérprete de Libras.

O capítulo 3, escrito por Caio César De Rosa Bittencourt, Camilla Ribeiro Ramos Antunes e Lucas Pereira de Souza Lima, analisa a tematização de esportes pouco conhecidos com o 2º ano em 2023. Os registros de aula mostram situações-limite ligadas ao rendimento, como a zombaria diante do erro, e as intervenções da equipe diante delas. Mostram também a participação de estudantes acompanhados pelo setor de educação especial da escola numa

aula de slackline e a decisão de formar equipes mistas para enfrentar estereótipos de gênero.

O capítulo 4, escrito por Michael Pires Soares, Rafaela Soares Cortes e Fabiana Rodrigues de Sousa Mast, analisa a transposição dos planos alemães para as turmas do Rio de Janeiro. É o capítulo em que a dimensão formativa aparece com mais clareza. O capítulo mostra como a equipe, que de início leu os planos como esportivizados, reviu essa leitura ao examinar os documentos, que descreviam propostas psicomotoras orientadas pela participação voluntária e pela iniciativa das crianças.

CONTRIBUIÇÕES PARA A DOCÊNCIA E LIMITES

A formação docente ocorreu, sobretudo, no intervalo entre o planejamento e a resposta das turmas. Ao conduzir as aulas, licenciandas e licenciandos precisaram adaptar materiais e regras quando a organização prevista restringia a participação, abrir rodas de conversa para que as crianças expressassem o que haviam vivido e registrar as decisões tomadas durante o processo. Em 2024, esse exercício ganhou outra dimensão: diante de planos produzidos em outra língua e tradição pedagógica, a equipe percebeu que interpretar uma prática estrangeira também exige examinar os pressupostos de quem a lê.

Essas contribuições devem ser lidas à luz de três limites. Primeiro, por terem sido produzidos pela própria equipe e sem instrumento padronizado, os registros permitem analisar o processo formativo, mas não medir a aprendizagem das crianças. Segundo, a documentação do lado alemão se restringe aos planos de aula e às apresentações da parceira; sem registros das aulas realizadas em Augsburg, a comparação entre os contextos permanece parcial. Terceiro, a voz das crianças chega ao livro de forma indireta, pelos registros da equipe, porque as rodas de conversa não foram registradas de forma sistemática.

Com esses limites, o livro oferece a outras professoras e professores um conjunto de planos de aula comentados,

construídos e revistos por quem estava aprendendo a ensinar, e uma forma de ler esses planos que pergunta, a cada aula, que corpos ela acolhe e que corpos ela deixa de fora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 44-46, 24 maio 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ILLI, U. Bewegte Schule: Die Bedeutung und Funktion der Bewegung als Beitrag zu einer ganzheitlichen Gesundheitsbildung im Lebensraum Schule. **Sportunterricht**, v. 44, n. 10, p. 404-415, 1995.

LAGING, R. Theoretische Bezüge und Konzepte der Bewegten Schule – Grundlagen und Überblick. In: LAGING, R.; SCHILLACK, G. (org.). **Die Schule kommt in Bewegung**: Konzepte, Untersuchungen und praktische Beispiele zur Bewegten Schule. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren, 2000. p. 2-38.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINS, Raphaell Moreira; NOGUEIRA, Pedro Henrique Silvestre. A tematização sobre o corpo consciente na educação física escolar: um diálogo à luz da pedagogia de Paulo Freire. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, ed. especial, p. 259-276, set. 2021.

MAST, Fabiana Rodrigues de Sousa. **Bewegungspädagogik und Rhythmik**: "Bewegte Schule", escola em movimento. Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Apresentação de slides.

MAST, Fabiana Rodrigues de Sousa (coord.). **Material didático**: planos de aula. Augsburg: Fachakademie für Sozialpädagogik, Bfz Augsburg, 2024. 5 planos. Não publicado.

MAST, Fabiana Rodrigues de Sousa. **Discutindo o sistema educacional na Alemanha**. 2025. Apresentação online para grupo de estudos.

MATOS, Marcelo. **Manual dos esportes pouco conhecidos**. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?: elementos de antropologia filosófica**. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SILVA, Ana Patrícia da. **O princípio de inclusão em educação física escolar**: um estudo exploratório no município de São João del-Rei. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Ana Patrícia da. **O princípio de inclusão em educação física escolar**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

SILVA, Ana Patrícia da. "Corpo consciente" e as relações étnico-raciais na educação inclusiva: uma proposta de práxis libertadora. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS, 14., 2026, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: ABPN, 2026. Tema: Didáticas antirracistas: da formação à ação. Disponível em: https://www.copene2026.abpn.org.br/trabalho/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9UUkFCQUxIT1wiOlwiMzIzN1wifSIsImgiOiIzY2YyNWE1YjdiOGNlOGM4Nzg4OGIwZDY4Yjg3YWVhMyJ9. Acesso em: 28 set. 2026.

SILVA, Ana Patrícia da. O corpo que se sabe no mundo: alinhavos entre o chão da escola e o GESDI. *In*: SEPULVEDA, Denize; CORRÊA, Renan (org.). **Pesquisas com os cotidianos: corpos, gêneros, sexualidades, história das mulheres e outras diferenças**. No prelo.

SILVA, Ana Patrícia da; CORRÊA, Mayara de Oliveira. Da expressão à categoria: corpo consciente, autonomia e inclusão em uma experiência de Educação Física escolar. 2026. Artigo submetido à **Revista Fluminense de Educação Física**, em avaliação. Não publicado.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

ZOBOLI, Fabio; SILVA, Renato Izidoro da; CORREIA, Elder Silva. O corpo enquanto objeto de estudo da Educação Física: breves apontamentos. **Scientia Plena**, v. 9, n. 7(a), 2013. Disponível em: https://scientiaplena.emnuvens.com.br/sp/article/view/1376. Acesso em: 1 mar. 2022.

CAPÍTULO 2

QUEM ENTENDE AS REGRAS DECIDE COMO JOGAR: VÍDEOS SOBRE O REGULAMENTO DA 46ª OLIMPÍADA DO CAp-UERJ

Izabelly dos Santos Santana (IEFD-UERJ)
João Victor de Oliveira Pinto (IEFD-UERJ)
Jorge Manoel da Silva Junior (IEFD-UERJ)
Jessica Costa dos Santos (IEFD-UERJ)
Tamires Pecina da Silva (IEFD-UERJ)

INTRODUÇÃO

As Olimpíadas do CAp-UERJ são uma tradição do calendário da escola. Organizadas pela equipe de Educação Física e realizadas no segundo semestre, mobilizam estudantes de todos os segmentos, divididos em bandeiras, com chefes de bandeira, pontuação por presença e torcida, comissão disciplinar e premiação. Todo esse funcionamento está descrito num regulamento. Em 2022, ao planejar a 46ª edição, a equipe de Educação Física se perguntou se um regulamento disponível apenas em texto formal garantia que todas as crianças e suas famílias conhecessem as regras de um evento do qual participariam com o corpo inteiro.

Este capítulo relata como licenciandas e licenciandos do projeto Prodocência "O corpo como prática pedagógica: um diálogo entre Rio de Janeiro (Brasil) e Augsburg (Alemanha)" responderam a essa pergunta produzindo vídeos sobre o regulamento e usando-os nas aulas do 5º ano do Ensino Fundamental. Como os demais capítulos, trata-se de um relato de experiência (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A experiência é lida pela categoria corpo consciente, apresentada no capítulo 1, que toma como eixo a relação do corpo com o mundo. Entre as perguntas derivadas dessa categoria, duas orientam este capítulo. A primeira: quem pode participar de um evento esportivo cujas regras não compreende? A segunda: o que a produção de um material didático ensina a quem está aprendendo a ser professor?

O REGULAMENTO: SERÁ QUE ESTAMOS SENDO OUVIDOS?

A comunicação aparece em Freire como condição do conhecimento. Todo ato de pensar supõe um sujeito que pensa, um objeto pensado e a comunicação entre sujeitos sobre esse objeto (Freire, 1983). Quando um documento normativo se dirige às crianças numa linguagem que elas não dominam, a comunicação se converte no que Freire chamou de extensão: conteúdo entregue de cima para baixo, sem diálogo. O diálogo, ao contrário, supõe que educadores e educandos construam juntos o conhecimento (Silva; Mesquida, 2022).

Lido pela categoria corpo consciente, o regulamento organiza onde cada corpo deve estar, como deve se comportar, quando pontua, quando é punido e quem lidera. Uma criança que desconhece essas regras participa menos e decide menos sobre a própria participação. Tornar o regulamento compreensível era, portanto, uma questão de inclusão no evento. Nos termos do capítulo 1, o regulamento inacessível funcionava como situação-limite, e os vídeos foram a tentativa de construir um inédito-viável diante dela.

Com essa preocupação, a equipe do Prodocência se perguntou se os vídeos ampliariam o acesso ao regulamento, facilitariam sua compreensão e o aproximariam da comunidade escolar. O desafio prático era levar um documento normativo para o formato audiovisual, numa linguagem acessível às crianças, sem perder a

clareza das regras. Os vídeos trataram dos temas listados no Quadro 1.

Quadro 1 – Temas dos vídeos sobre o regulamento

Temas do regulamento da 46ª Olimpíada do CAp-UERJ
Das ações da cidadania
Das orientações aos chefes de bandeira: aspectos organizacionais e aspectos relacionados à liderança
Da formação das bandeiras
Da conduta dos chefes de bandeira e dos demais alunos
Da cerimônia de encerramento e da pontuação de presença e torcida
Das categorias e modalidades
Das inscrições
Do sistema de apuração e regulamentos específicos das diferentes modalidades
Do somatório de pontos
Da premiação
Da comissão disciplinar
Das disposições gerais

Fonte: Regulamento da 46ª Olimpíada do CAp-UERJ.

A PRODUÇÃO DOS VÍDEOS

A produção foi coletiva e dividida em três etapas. Na pré-produção, a equipe definiu o objetivo comunicacional, que era explicar o regulamento de forma clara e breve, e o público, formado por estudantes, famílias e comunidade escolar. Em seguida, escreveu os roteiros, com falas, cenas e ações, revisados em várias rodadas, e produziu um *storyboard* para visualizar a sequência de cenas. O planejamento incluiu a escolha dos cenários, o

levantamento dos equipamentos e um cronograma de gravações com previsão de regravações.

Na produção, a equipe gravou com *smartphones*. A partir de um vídeo piloto, definiu um modelo de filmagem estática e um protocolo que padronizou enquadramento, iluminação, vestuário e cenário. Na pós-produção, o material foi editado em programa de edição não linear, com organização das cenas conforme o roteiro, ajustes de cor e iluminação e inserção de legendas. A versão preliminar foi avaliada pela coordenadora do projeto e por um professor de Educação Física do CAp-UERJ, e revista a partir dessas avaliações. Os vídeos finais tinham cerca de um minuto, formato adequado ao Instagram.

Um limite precisa ser registrado. A equipe reconheceu a necessidade de intérprete de Libras, mas não conseguiu atendê-la. Pela dimensão de análise adotada neste livro, esse limite pesa: um material produzido para ampliar o acesso ao regulamento deixou de fora as crianças e as famílias surdas usuárias de Libras. Esse é um ponto a corrigir em edições futuras da ação.

Após a publicação, a equipe acompanhou as visualizações nos dois perfis que divulgaram os vídeos (Tabela 1).

Tabela 1 – Visualizações dos vídeos do regulamento da 46ª Olimpíada do CAp-UERJ

Vídeo	@educacaofisicacapuerj	@ocorpocomopraticapedagogica	Total
1	946	891	1837
2	519	667	1186
3	460	1095	1555
4	193	442	635
5	227	350	577
6	184	419	603
7	302	509	811
8	185	407	592

9	240	305	545
10	235	605	840
11	275	563	838
12	609	348	957
13	222	463	685
14	247	302	549
15	288	332	620
16	344	370	714
17	263	129	392
18	180	255	435
19	280	307	587
20	253	541	794
21	1029	476	1505
22	525	503	1028
23	-	1006	1006
Total	8.006	11.285	19.291

Fonte: Silva e Miranda (2023).

Os 23 vídeos publicados somaram 19.291 visualizações, com média de 839 por publicação, máximo de 1.837 e mínimo de 392. O perfil do projeto (@ocorpocomopraticapedagogica) registrou 11.285 visualizações, e o perfil da equipe de Educação Física (@educacaofisicacapuerj), 8.006. Esses números medem alcance, e não compreensão. Uma visualização não informa se o vídeo foi assistido até o fim, por quem, nem se a regra foi entendida. Nas rodas de conversa, estudantes disseram ter conhecido o regulamento pelos vídeos. Esse relato não foi registrado de forma sistemática e, por isso, é tratado aqui como indício, e não como medida de compreensão.

OS VÍDEOS NAS AULAS DO 5º ANO

Para que o acesso não dependesse das redes sociais das famílias, os vídeos passaram a ser exibidos semanalmente nas aulas do 5º ano até a data da competição. A equipe elaborou 19 planos de aula para esse período, a maioria a partir dos vídeos (Quadro 2). Os planos foram distribuídos entre integrantes da equipe do projeto, alguns dos quais assinam outros capítulos deste livro.

Quadro 2 – Planos de aula elaborados no período

Nº	Tema do plano de aula	Responsável
1	Uma breve reflexão	Lucas Pereira de Souza Lima
2	Ações da cidadania	Lucas Pereira de Souza Lima
3	Objetivos e organização das Olimpíadas	Lucas Pereira de Souza Lima
4	Orientações para os chefes de bandeira	Rafaela Soares Cortes
5	Organização das bandeiras e chefes	Rafaela Soares Cortes
6	Regras de conduta	Rafaela Soares Cortes
7	Pontuação em relação à presença e à torcida	Izabelly dos Santos Santana
8	Comissão disciplinar das Olimpíadas do CAp-UERJ	Izabelly dos Santos Santana
9	Modalidades, categorias e sistema de apuração	Izabelly dos Santos Santana
10	Fair play	Izabelly dos Santos Santana

11	Inscrições nas Olimpíadas do CAp-UERJ	Jessica Costa dos Santos
12	Somatório dos pontos	Jessica Costa dos Santos
13	Recordação de condutas	Jessica Costa dos Santos
14	Premiação	Jorge Manoel da Silva Junior
15	Disposições gerais	Jorge Manoel da Silva Junior
16	Importância da água: nutrição	Jorge Manoel da Silva Junior
17	Alimentação saudável: nutrição	Camilla Ribeiro Ramos Antunes
18	Informação sobre a abertura das Olimpíadas	Camilla Ribeiro Ramos Antunes
19	Bons Jogos!	Camilla Ribeiro Ramos Antunes

Fonte: arquivo do projeto.

As aulas seguiam uma rotina. Começavam em círculo, com a chamada e a retomada da aula anterior. Em seguida, a equipe exibia um vídeo do regulamento e, em muitas aulas, um vídeo de atletas. A partir desses vídeos, abria conversas sobre temas que as crianças traziam ou que os vídeos provocavam, como a autoconfiança e a saúde mental de atletas e as questões étnico-raciais no esporte. Depois vinha a parte prática, e a aula terminava com nova roda de conversa.

No trimestre, a parte prática foi dedicada à ginástica geral. A equipe dividiu cada elemento (avião, vela, rolamento, ponte e estrela) em duas ou mais aulas. A primeira era de experimentação com progressões. A segunda, de correção da execução, respeitando

os limites de cada criança. A segurança foi tematizada com as crianças: por que prestar atenção às orientações, por que escolher o lugar adequado para executar um movimento, o que fazer quando o colega não se sente pronto. Quando uma atividade não era acessível a alguém, a equipe a adaptava. O Quadro 3 exemplifica a organização dessas aulas.

Quadro 3 – Plano de aula: rolamento na ginástica (5º ano)

PLANO DE AULA · ROLAMENTO NA GINÁSTICA	
Turma	5º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	1
Espaço	Sala de práticas corporais
Materiais	Pedaços de papel
Por que esta aula	No trimestre, cada elemento da ginástica foi trabalhado em duas ou mais aulas: primeiro de experimentação com progressões, depois de correção da execução, respeitando os limites de cada criança. Esta é a aula de experimentação do rolamento.
Objetivos	• Experimentar, em grupo, combinações de elementos da ginástica geral. • Resolver desafios na execução de elementos básicos da ginástica, reconhecendo os limites do próprio corpo e do corpo do outro e adotando procedimentos de segurança.
Conteúdos	Alongamento; segurança na execução do rolamento; educativos para o rolamento.
Início	Roda de conversa: chamada e retomada da aula anterior. Exibição do vídeo do ex-ginasta Diego Hypolito.
Desenvolvimento	**Atividade 1.** Da posição grupada, com as mãos apoiadas no chão, a criança eleva o quadril e projeta o tronco à frente até rolar. Um pedaço de papel entre o queixo e o peito e outro entre os pés ajudam a manter o corpo grupado. **Atividade 2.** O mesmo movimento, agora a partir da posição de pé: agachar, apoiar as mãos,

	elevar o quadril e rolar, com os papéis nas mesmas posições. **Atividade 3.** A partir da posição de pé, sem os papéis, rolar e terminar o movimento de pé. **Atividade extra.** A partir da posição de pé, rolar e terminar sentado, com as pernas afastadas.
Fechamento	Roda de conversa final.
Olhar do corpo consciente	Na abordagem da segurança, a turma discutiu a importância de observar as orientações, selecionar um espaço adequado para a execução do movimento, respeitar os limites do próprio corpo, zelar pelo espaço compartilhado e pelos colegas e solicitar auxílio ou interromper a atividade sempre que a criança não se sentisse segura. Com o objetivo de assegurar a participação de todas as crianças, adotou-se a estratégia de acessibilidade do movimento: quando uma criança não conseguia realizar o rolamento proposto ou não se sentia confortável para executá-lo, era acordada com ela uma alternativa de movimento possível e acessível. A realização podia ocorrer com ou sem o auxílio do professor, conforme as necessidades e a escolha de cada estudante. Desse modo, a participação não ficou condicionada à execução integral do rolamento, mas à possibilidade de cada criança envolver-se na atividade com segurança, autonomia e respeito aos próprios limites.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

CONSIDERAÇÕES

Os vídeos ampliaram o alcance do regulamento da 46ª Olimpíada entre estudantes e famílias, como indicam as visualizações e os relatos colhidos nas rodas de conversa. Os dados disponíveis não permitem afirmar que as regras foram compreendidas, e a ausência de intérprete de Libras limitou o acesso

de parte da comunidade. Lido pela categoria, esse limite indica que a deficiência, um dos marcadores de diferença que ela exige considerar, não foi contemplada na produção dos vídeos. Esses dois limites precisam ser lidos em conjunto com os resultados.

Pela dimensão do corpo consciente, a experiência mostrou que as regras de um evento esportivo escolar são parte da relação das crianças com o espaço e com o grupo. A criança que entende as regras pode decidir como participar; a que não as entende depende de que alguém decida por ela. A tradução do regulamento para uma linguagem próxima da oralidade das crianças foi uma tentativa de devolver a elas parte dessa decisão. Nas rodas de conversa, ao interpretarem as regras e discutirem como as usariam no evento, as crianças tiveram a oportunidade de tomar consciência de seus corpos naquele espaço: onde podiam estar, o que podiam fazer e com quem. Para Freire (1987), essa tomada de consciência é o primeiro passo de um processo que só se completa quando a reflexão se converte em ação sobre a realidade.

Para a formação docente, a experiência exigiu competências que o estágio curricular raramente mobiliza. A equipe precisou ler um documento normativo, identificar o que as crianças precisariam saber, escrever roteiros, gravar, editar, submeter o material à avaliação de professores experientes e, por fim, transformar os vídeos em planos de aula. Nesse percurso, as licenciandas e os licenciandos passaram de consumidores a produtores de material didático. Também mudou a forma de se relacionar com as crianças. Se o regulamento fosse apenas lido para elas, as regras seriam depositadas como um conteúdo pronto, no modelo que Freire (1987) chama de educação bancária. Ao adaptar a linguagem e produzir os vídeos, a equipe buscou outro caminho: aproximar o regulamento das crianças e conversar com elas sobre as regras que organizavam a presença de seus corpos no evento. Foi a passagem da extensão ao diálogo de que fala Freire (1983).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SILVA, Ana Patrícia da; MIRANDA, Márcia (org.). **Práticas pedagógicas em educação física escolar:** corpo consciente e questões de gênero no chão da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. v. 2.

SILVA, Rafael Furtado da; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: uma educação do cuidado da vida, do diálogo e do amor ao mundo. **Olhar de Professor,** Ponta Grossa, v. 25, p. 1-18, 2022.

CAPÍTULO 3

BOCHA, PUNHOBOL, SLACKLINE: ESPORTES POUCO CONHECIDOS E CORPO CONSCIENTE NO 2º ANO

Caio César De Rosa Bittencourt (IEFD-UERJ)
Camilla Ribeiro Ramos Antunes (IEFD-UERJ)
Lucas Pereira de Souza Lima (IEFD-UERJ)

INTRODUÇÃO

Em 2023, o projeto Prodocência "O corpo como prática pedagógica: um diálogo entre Rio de Janeiro (Brasil) e Augsburg (Alemanha)" entrou em sua fase de implementação no CAp-UERJ. Depois de um ano dedicado à formação teórica e ao encontro com a parceira alemã, a equipe brasileira passou a planejar e conduzir aulas regulares com o 2º ano do Ensino Fundamental. Este capítulo relata essa experiência.

Trata-se de um relato de experiência de formação docente (Mussi; Flores; Almeida, 2021). O objeto é o que a equipe de licenciandos e licenciandas aprendeu ao planejar, conduzir e registrar as aulas. As fontes são os planos de aula, os registros escritos ao final de cada aula e as fotografias do arquivo do projeto. Os registros foram produzidos pela própria equipe, sem instrumento padronizado, e por isso não sustentam afirmações sobre a aprendizagem das crianças. Eles descrevem o que a equipe observou.

A experiência é lida pela categoria corpo consciente, apresentada no capítulo 1, que toma como eixo a relação do corpo com o mundo e orientou o projeto desde o início.

TEMATIZAÇÃO E CORPO CONSCIENTE

O procedimento didático adotado foi a tematização, tal como proposta no currículo cultural da Educação Física: a professora ou o professor parte de uma prática corporal e a toma como tema de estudo, vivência, pesquisa e discussão com os estudantes, sem roteiro fixo, porque "as facetas da prática pedagógica são pensadas a partir do contexto e, principalmente, no transcorrer das situações didáticas" (Neira; Nunes, 2009, p. 79). Os autores chamam de artistar esse trabalho de reinventar a prática a cada situação.

A combinação com Freire exige um esclarecimento. O currículo cultural se apoia em teorias pós-críticas, e a pedagogia freireana pertence à tradição crítica. Neste capítulo, as duas não são tratadas como equivalentes. Do currículo cultural, a equipe tomou o procedimento: partir de uma prática corporal e problematizá-la com as crianças. De Freire e da categoria corpo consciente, tomou a lente de leitura: perguntar, a cada aula, como a prática organiza a participação dos corpos e que situações de exclusão aparecem nela.

A relação entre educadores e educandos seguiu o princípio freireano de que "o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa" (Freire, 1987, p. 68). Em trabalhos de conclusão de curso ligados ao projeto, integrantes da equipe já haviam descrito o diálogo entre a cultura corporal e o corpo consciente como caminho para ler as práticas corporais com as crianças (Antunes, 2023) e afirmado que o corpo "não é somente biológico, ele é humano e social, tem várias dimensões e a partir dele que iremos construir conhecimento mediados pelo mundo" (Bittencourt, 2023, p. 18).

Outros autores também aproximaram a expressão freireana da Educação Física escolar. Martins e Nogueira (2021) propõem a tematização do corpo consciente à luz de Freire. Figueiredo (2010, não paginado), no *Dicionário Paulo Freire*, retoma McLaren para defender que a escola seja capaz de construir uma "corporeidade solidária". Esses trabalhos tratam a expressão como conceito

freireano. A leitura adotada neste livro difere deles porque toma o corpo consciente como categoria de análise, com perguntas próprias. Neste capítulo, as perguntas foram quatro. Que decisões as crianças puderam tomar? Em que momentos disseram em palavras o que viveram no corpo? Que situações-limite apareceram? Que marcadores de diferença atravessaram a aula?

O PERCURSO: A TEMATIZAÇÃO DO MANUAL DOS ESPORTES POUCO CONHECIDOS

A escolha do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos* (Matos, 2022) partiu de uma estagiária e foi discutida com a coordenação e com o restante da equipe. O livro apresenta modalidades pouco praticadas no Brasil e permitia perguntar às crianças por que alguns esportes aparecem na televisão e na escola e outros não.

As aulas aconteceram às terças-feiras, em 2023, com 57 crianças do 2º ano do Ensino Fundamental do CAp-UERJ, organizadas em quatro turmas, com 50 minutos por aula. Ao todo, foram elaborados oito planos de aula, correspondentes aos Quadros 4 a 11 e a 14 aulas previstas: duas de bocha, duas de *flag football*, três de *ultimate frisbee*, uma de *slackline*, duas de quicabol, duas de punhobol, uma de marcelobol e uma de criação do esporte da turma. O espaço variava entre a quadra poliesportiva, o campo de futebol e a sala de Educação Física, conforme o rodízio com outros professores.

Todas as aulas seguiram a mesma rotina. As crianças chegavam e sentavam em roda no centro da quadra. A equipe fazia a chamada, mostrava o livro, apresentava a modalidade e conversava com as crianças sobre o que elas já sabiam dela. Seguia-se a parte prática, muitas vezes com materiais construídos pelas próprias crianças. A aula terminava com nova roda, em que as crianças diziam o que tinham achado, o que tinha sido difícil e o que queriam compartilhar. Essa roda final é o momento em que, pela categoria corpo consciente, o que o corpo viveu pode ser dito em palavras.

AS AULAS

Os planos a seguir (Quadros 4 a 11) foram elaborados e registrados pela equipe. Cada um é precedido de um breve comentário, que o lê pela dimensão do corpo consciente.

Bocha

Na bocha, as crianças construíram as próprias bolas antes de jogar. A construção do material é uma decisão pedagógica que desloca a criança da posição de quem recebe o equipamento para a de quem o produz. A roda inicial trouxe uma informação que a maioria desconhecia: a bocha é modalidade paralímpica. Essa informação permite falar de deficiência a partir de uma prática que as crianças iam experimentar com o próprio corpo, mas o registro não informa se a conversa seguiu nessa direção. É uma possibilidade a desenvolver em novas edições da proposta. O registro menciona também crianças que ficaram chateadas ao errar. É a primeira aparição, neste relato, de uma situação-limite que se repetiria: o erro vivido como falha pessoal.

Quadro 4 – Plano de aula: bocha (2º ano)

PLANO DE AULA · BOCHA	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	2
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Para as bolas: bexigas coloridas, areia, sacolas plásticas, fita adesiva e tesoura. Para o jogo: bambolês, cones, minicones e giz.
Objetivo	Trabalhar o controle motor fino e a coordenação óculo-manual por meio da bocha.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre a bocha.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Montando a nossa bocha.** Em duplas, com o auxílio do professor, as crianças

	montam as próprias bolas. Depois, todos demarcam a cancha com giz e minicones. **Atividade 2. Acerte o alvo.** Cada criança recebe uma bola e tenta colocá-la dentro de um alvo marcado no chão. Aos poucos, o professor aumenta a distância. **Atividade 3. Jogo de bocha.** A turma se divide em dois grupos, um em cada metade da quadra, e cada grupo forma duas equipes de três ou quatro crianças para jogar uma bocha adaptada.
Fechamento	Roda de conversa: como foi produzir o material, se gostaram da atividade e o que sentiram ao realizá-la.
Registro da equipe	A maioria das crianças não conhecia o esporte; só uma aluna disse já tê-lo visto na televisão. Trouxemos curiosidades para a conversa, entre elas a de que a bocha é um esporte paralímpico. As próprias crianças produziram, com o nosso apoio, o material da aula e mostraram grande interesse e animação. Tiveram algumas dificuldades na montagem, mas, com a ajuda dos estagiários e umas das outras, conseguiram realizar a atividade. Estavam ansiosas para jogar com os materiais que fizeram e não tiveram muitas dificuldades. Algumas, quando erravam, ficavam chateadas e precisavam de palavras de incentivo dos professores. No geral, gostaram muito e foram embora perguntando qual seria o esporte da próxima aula.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 1 – Tematização, corpo consciente e bocha



Fonte: arquivo do projeto.

Flag football

Os registros do *flag football* mostram a relação das crianças com um esporte que conheciam pela televisão, o futebol americano. A partir desse conhecimento prévio, a equipe discutiu com elas as diferenças entre os dois esportes. A dificuldade com a regra de retirar o colete do adversário e com a pontuação indica que a regra ainda não havia sido incorporada: as crianças voltavam correndo em vez de cruzar a linha de fundo. O registro informa que passaram a jogar com menos dificuldade ao longo da aula.

Quadro 5 – Plano de aula: flag football (2º ano)

PLANO DE AULA · FLAG FOOTBALL	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	2
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Coletes, bola de iniciação e bambolês.
Objetivo	Vivenciar os esportes de invasão, ampliar o repertório motor e incentivar o trabalho em equipe por meio do flag football.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre o flag football.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Pique-rabinho.** Cada criança prende um colete no short ou em outra parte do corpo, e o pegador tenta tirar os coletes dos colegas. **Atividade 2. Pique-bandeira.** A turma se divide em dois times. Cada time tenta atravessar o campo adversário, pegar o colete e voltar com ele para o próprio campo sem ser pego. Vence a equipe que conseguir primeiro. **Atividade 3. Flag football.** Com a turma dividida em duas equipes iguais, uma ataca e a outra defende. O ataque começa com a bola na linha de fundo da própria quadra e tem cinco chances para levá-la até o outro lado, com passes ou corridas; se conseguir, pontua. Se não conseguir, a posse passa à outra equipe. Para impedir o avanço, a defesa precisa tirar o colete preso ao short de quem está com a bola.
Fechamento	Roda de conversa: o primeiro contato com os movimentos, se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Registro da equipe	As crianças disseram conhecer o futebol americano, e conversamos sobre as diferenças entre os dois esportes. Tiveram dificuldades com as regras, como a de tirar o colete do adversário, e com os passes. Além disso, não ultrapassavam a linha de fundo para pontuar: voltavam correndo

	para o outro lado. Com o tempo, foram melhorando e conseguiram jogar sem muitas dificuldades.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 2 – Tematização, corpo consciente e flag football



Fonte: arquivo do projeto.

Ultimate frisbee

No *ultimate frisbee*, a maioria das crianças associou o disco à brincadeira com cachorros, uma leitura de mundo anterior à escola. A construção dos discos em pequenos grupos, com decoração e nomes, mostrou a apropriação do material. O registro também informa um limite: os discos de prato plástico eram frágeis, as crianças tiveram muita dificuldade de lançar e receber, e a equipe desistiu do jogo propriamente dito. O planejamento precisou

recuar para atividades de lançamento, decisão que a equipe tomou a partir da leitura das turmas.

Quadro 6 – Plano de aula: ultimate frisbee (2º ano)

PLANO DE AULA · ULTIMATE FRISBEE	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	3
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Para os discos: pratos de plástico, fita adesiva, areia, sacolas plásticas, tesoura e canetinhas coloridas. Para as atividades: bambolês.
Objetivo	Aprimorar a coordenação óculo-manual, o controle da força e o trabalho em equipe por meio do frisbee.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre o ultimate frisbee.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Montando o nosso frisbee.** Em quartetos, com o auxílio do professor, as crianças montam o próprio disco. **Atividade 2. Acerte o alvo e recepção em deslocamento.** O professor posiciona dois bambolês nos ângulos do gol. Em duas filas, cada uma voltada para um bambolê, as crianças tentam lançar o disco dentro dele. Depois, em dois grupos, cada um numa metade da quadra, as crianças se deslocam conforme o comando do professor e tentam receber o disco lançado por ele. **Atividade 3. Jogando o frisbee.** As crianças experimentam livremente lançar o disco umas para as outras.
Fechamento	Roda de conversa: como foi produzir o material, o primeiro contato com os movimentos, se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Registro da equipe	A maioria das crianças já conhecia o disco, e muitas o associaram à brincadeira de jogá-lo para o cachorro. Montaram o próprio disco em

	pequenos grupos sem muita dificuldade, gostaram do processo, decoraram e algumas até lhe deram nome. No jogo, tiveram muita dificuldade com o lançamento e a recepção. Além disso, o material era muito frágil e os discos não duraram muito, mas conseguimos um disco "oficial" para as aulas. Por causa dessas dificuldades, não realizamos o jogo propriamente dito, apenas as atividades.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 3 – Tematização, corpo consciente e ultimate frisbee



Fonte: arquivo do projeto.

Slackline

Na aula de slackline, algumas crianças disseram ter medo, e a progressão de segurança (sentar, deitar, ficar em pé, andar)

permitiu que cada uma decidisse até onde ir. Enquanto esperavam a vez, as crianças torciam umas pelas outras. Estudantes acompanhados pelo setor de educação especial da escola, que em outras aulas participavam menos, participaram intensamente desta. Um deles pedia para repetir e quis ajudar na segurança dos colegas enquanto esperava a vez. Pela categoria corpo consciente, a situação sugere que a menor participação desses estudantes em outras aulas pode ter relação com o modo como aquelas aulas estavam organizadas. Essa hipótese não foi investigada, mas o registro a sustenta como pergunta para o planejamento.

Quadro 7 – Plano de aula: slackline (2º ano)

PLANO DE AULA · SLACKLINE	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	1
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Fita de slackline e colchões ou tatame.
Objetivo	Desenvolver o equilíbrio e incentivar a participação de todos, buscando a superação de desafios.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre o slackline.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Pique-linha.** Pique-pega em que as crianças só podem se deslocar sobre as linhas da quadra. **Atividade 2. Vivenciando o slackline.** Em grupos de quatro, com os professores fazendo a segurança, as crianças sentem a fita e experimentam movimentos de equilíbrio sobre ela, seguindo esta progressão: 1) sentar tirando um pé do chão; 2) sentar tirando os dois pés; 3) deitar de frente para a fita; 4) deitar de costas para a fita; 5) ficar em pé; 6) andar para a frente; 7) andar para trás. Ao final, quem se sentir seguro tenta atravessar a fita de frente e, se estiver

	confortável, de costas, sempre com a segurança dos professores.
Fechamento	Roda de conversa: o primeiro contato com os movimentos, se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Registro da equipe	As crianças estavam muito animadas, e precisamos acalmá-las para começar. Muitas já conheciam o slackline, mas não sabiam o nome nem que era um esporte com competições oficiais; algumas disseram que já o haviam praticado. Pela vontade de andar na fita, obedeceram a todos os comandos e esperaram sentadas a sua vez. Como o espaço era pequeno, por segurança só uma criança fazia a atividade de cada vez. O tempo todo, incentivavam-se umas às outras. Apesar da animação, algumas mostraram medo, mas mesmo assim fizeram todas as atividades. Foi uma das aulas de que mais gostaram: não queriam ir embora, porque queriam continuar andando na fita. Estudantes acompanhados pelo então DAEE, atual Departamento de Atendimento Educacional Especializado (DEPAEE) do CAp-UERJ, que em outras aulas costumavam participar menos, participaram bastante desta. Um deles pedia o tempo todo para fazer mais e, enquanto esperava a vez, queria ajudar na segurança dos colegas; foi a aula em que ele participou mais ativamente.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 4 – Tematização, corpo consciente e slackline



Fonte: arquivo do projeto.

Quicabol

O quicabol foi a modalidade em que as turmas tiveram mais facilidade. O registro destaca que as próprias crianças organizaram a ordem de participação para que todos jogassem e discutiram as regras de pontuação com a equipe. Quando o jogo ficou fácil demais, a equipe acrescentou uma segunda e uma terceira bola. Decisões sobre quem joga e em que ordem, tomadas pelas crianças, são o tipo de experiência que Freire associa à construção da autonomia, que "vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas" (Freire, 2019, p. 107).

Quadro 8 – Plano de aula: quicabol (2º ano)

PLANO DE AULA · QUICABOL	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	2
Espaço	Quadra poliesportiva (quadra de vôlei)
Materiais	Cones e bolas.
Objetivo	Aprimorar o uso da força e a precisão e incentivar o trabalho em equipe.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre o quicabol.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Pique-pega.** **Atividade 2. Treinando quiques.** Em pequenos grupos, as crianças trocam passes com a bola quicando; depois, lançam a bola o mais longe possível, fazendo-a quicar pelo menos uma vez. **Atividade 3. Quicabol adaptado.** Na quadra de vôlei, cada equipe fica de um lado, sem invadir o campo adversário. Para marcar ponto, a equipe arremessa a bola de modo que ela quique pelo menos uma vez no campo adversário e ultrapasse a linha de fundo.
Fechamento	Roda de conversa: o primeiro contato com os movimentos, se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Registro da equipe	Foi um dos jogos em que as crianças tiveram mais facilidade. Todas as turmas gostaram bastante e participaram ativamente: organizaram-se nas equipes, criaram estratégias de jogo e combinaram uma ordem para que todos jogassem. Estavam muito atentas às regras e questionavam os professores sobre a pontuação. Como, com uma bola só, o jogo ficou fácil demais, introduzimos uma segunda e, depois de um tempo, uma terceira, o que o tornou mais dinâmico e divertido. Saíram dizendo que tinham gostado muito da aula e que aquele era o esporte mais legal.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 5 – Tematização, corpo consciente e quicabol



Fonte: arquivo do projeto.

Punhobol

O punhobol trouxe o conflito mais explícito do ciclo. Algumas crianças faziam brincadeiras quando colegas erravam, e os colegas passaram a precisar de incentivo para continuar. A equipe interrompeu a aula para conversar com as turmas sobre esse comportamento. Pela dimensão de análise, a zombaria diante do erro é uma das formas que a corponormatividade assume numa aula do 2º ano: o erro do corpo que ainda não domina o gesto vira motivo de exclusão. Interromper a aula para tematizar a situação foi o inédito-viável que a equipe construiu naquele momento.

Quadro 9 – Plano de aula: punhobol (2º ano)

PLANO DE AULA · PUNHOBOL	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	2
Espaço	Quadra poliesportiva (quadra de vôlei)
Materiais	Corda e bola.
Objetivo	Experimentar novos gestos motores, trabalhar a percepção do espaço e incentivar o trabalho em equipe.

Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre o punhobol.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Câmbio.** Na quadra de vôlei, com uma corda esticada sobre a linha central na altura adequada ao tamanho das crianças, duas equipes jogam, uma de cada lado. A bola deve passar por três pessoas do time antes de ir para o outro campo; nos passes, as crianças agarram a bola. Se a bola cair no chão, o ponto é da equipe adversária. **Atividade 2. Câmbio com punho.** O mesmo jogo, mas agora as crianças batem na bola com o punho fechado, sem agarrá-la, e podem deixá-la quicar uma vez antes de bater. **Atividade 3. Punhobol adaptado.** As crianças aprendem o saque: da linha de 3 metros da quadra de vôlei, batem na bola com o punho fechado em direção à quadra adversária. A bola só pode ser tocada com os braços e as mãos, de preferência com o punho, e pode quicar uma vez no chão antes de cada toque. Cada equipe dá até três toques, feitos por pessoas diferentes, antes de passar a bola. Se a bola quicar mais de uma vez, o ponto é da outra equipe, e quem pontua saca.
Fechamento	Roda de conversa: o primeiro contato com os movimentos, se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Registro da equipe	Algumas crianças tiveram dificuldade para entender a atividade: iam todas em cima da bola ao mesmo tempo, usavam todas as partes do corpo, não controlavam a força e passavam a bola por baixo da corda. A maioria, porém, conseguiu realizar a atividade com tranquilidade. Quando nos aproximamos do jogo de punhobol, tiveram dificuldade no saque e em bater na bola com o punho. Além disso, quando erravam, algumas crianças faziam brincadeiras que desmotivavam

	os colegas, que passaram a precisar de palavras de incentivo, e tivemos de parar a aula para conversar com as turmas sobre esse comportamento.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 6 – Tematização, corpo consciente e punhobol



Fonte: arquivo do projeto.

Marcelobol

No marcelobol, a equipe organizou times com o mesmo número de meninos e meninas, numa opção pela coeducação que buscava enfrentar estereótipos de gênero. Para Devide (2024), a coeducação é uma abordagem da Educação Física que usa os próprios conteúdos da aula para problematizar as relações de gênero e desconstruir binarismos. Cada equipe se dividia entre ataque e defesa, com troca de funções, o que obrigava cada criança a assumir tarefas de que talvez não gostasse. O registro volta a mencionar reclamações contra colegas que erravam e pausas para conversar sobre os conflitos. A repetição da situação em aulas diferentes indica que ela não era episódica e que precisaria ser tematizada de forma mais sistemática.

Quadro 10 – Plano de aula: marcelobol (2º ano)

PLANO DE AULA · MARCELOBOL	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	1
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Cones, tartarugas e bolas.
Objetivo	Trabalhar a precisão do arremesso e o trabalho em equipe.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do livro *Manual dos esportes pouco conhecidos*, do tema da aula e de curiosidades sobre o marcelobol.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Marcelobol adaptado.** A turma se divide em duas equipes com o mesmo número de meninos e meninas. Cada equipe fica de um lado da quadra, sem ultrapassar a linha do meio, e se divide em ataque e defesa, que depois trocam de função. O ataque arremessa a bola para marcar pontos, e a defesa tenta impedir. Vale 1 ponto a bola que passa da linha de fundo, 3 pontos a que toca a trave ou o travessão e 5 pontos a que entra no gol. A bola não deve ser arremessada tão alto que não possa ser defendida. Ao longo da atividade, mais bolas entram no jogo.
Fechamento	Roda de conversa: o primeiro contato com os movimentos, se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Registro da equipe	A maioria das crianças entendeu as regras e jogou com tranquilidade e facilidade; por isso, aumentamos o tamanho da quadra e introduzimos mais bolas para desafiá-las. Uma das turmas teve dificuldade para entender as regras, e precisamos parar várias vezes para explicá-las por partes. Algumas crianças reclamavam quando um colega errava, o que gerou desentendimentos, e paramos para conversar sobre os conflitos.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 7 – Tematização, corpo consciente e marcelobol





Fonte: arquivo do projeto.

Criação do esporte da turma

Na última aula, cada turma criou um esporte, com objetivo, regras, materiais e nome. A equipe anotava as propostas e as crianças jogavam o esporte criado. O registro informa que as crianças se sentiram à vontade para opinar e discordar e chegaram a acordos. O ciclo terminou, assim, com a decisão mais ampla que as crianças tomaram ao longo do ano: inventar a própria prática corporal.

Quadro 11 – Plano de aula: criação do esporte da turma (2º ano)

PLANO DE AULA · CRIAÇÃO DO ESPORTE DA TURMA	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Aulas previstas	1
Espaço	Sala de aula e quadra poliesportiva
Materiais	Canetas de quadro branco, slides com as memórias do ano, caneta e papel, e materiais escolhidos na hora pelas crianças.
Objetivo	Criar o esporte da turma com base no livro tematizado, dando autonomia às crianças e espaço para a criatividade.

Início	Roda de conversa: chamada e explicação da dinâmica do dia.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Criando o esporte.** A turma cria o próprio esporte ou jogo, com os materiais disponíveis na escola, e define objetivo, regras básicas, materiais e nome. Os professores anotam tudo o que as crianças propõem para levar à prática. **Atividade 2. Praticando o esporte.** A turma joga o esporte que criou.
Fechamento	Roda de conversa: como foi criar o esporte, se gostaram e o que sentiram ao jogá-lo.
Registro da equipe	As crianças gostaram muito de criar o esporte. Houve grande troca de ideias, e elas se sentiram à vontade e seguras para opinar e discordar dos colegas. Chegaram a um acordo sem brigas e fizeram uma boa construção coletiva.

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

Fotografia 8 – Tematização, corpo consciente e criação do esporte da turma



Fonte: arquivo do projeto.

O QUE A EXPERIÊNCIA ENSINOU À EQUIPE

A inserção no Prodocência teve, para a equipe, uma diferença em relação ao estágio curricular obrigatório: a presença semanal e contínua na mesma escola, com as mesmas turmas, ao longo do ano. Essa continuidade permitiu acompanhar as crianças de uma aula para outra e perceber padrões, como a repetição da zombaria diante do erro.

A escassez de espaço e de material foi uma condição permanente. Muitas das modalidades exigiam equipamentos que a escola não tinha, e a equipe respondeu construindo materiais com as crianças e reaproveitando objetos do cotidiano. Essa resposta teve limites, como mostrou a fragilidade dos discos de *frisbee*, mas colocou as crianças na posição de produtoras do material de que precisavam.

A principal aprendizagem, lida pela categoria corpo consciente, foi a de intervir quando a aula começava a excluir alguém. Nos registros, a equipe interrompeu atividades para conversar sobre a zombaria, adaptou regras quando uma turma não as compreendia e acrescentou bolas quando o jogo ficava fácil demais. Essas decisões foram tomadas durante as aulas, a partir da leitura das turmas, e funcionaram como inéditos-viáveis diante das situações-limite que os registros mostram. Já a formação de equipes com o mesmo número de meninos e meninas foi uma escolha anterior à aula, uma opção pela coeducação para enfrentar estereótipos de gênero.

CONSIDERAÇÕES

Este relato descreveu a tematização de esportes pouco conhecidos com quatro turmas do 2º ano do CAp-UERJ em 2023 e a leu pela categoria corpo consciente. Os registros indicam que a construção de materiais, a roda final e a criação de um esporte por turma abriram espaço para que as crianças tomassem decisões e dissessem o que viveram. Indicam também situações-limite

recorrentes, sobretudo a zombaria diante do erro, que exigiram intervenção da equipe e precisariam de tratamento mais sistemático.

Os limites deste relato são os de seus registros. Eles foram escritos pela equipe ao final de cada aula, sem instrumento comum, e não incluem a voz das crianças de forma direta. Pesquisas futuras com esse tipo de proposta ganhariam com registros sistemáticos das rodas de conversa e com a escuta das próprias crianças.

Quanto à formação docente, questão que o capítulo 1 também dirige às licenciandas e aos licenciandos, a experiência mostrou que uma aula de Educação Física inclusiva depende do plano e, tanto quanto dele, da leitura da turma: decidir, durante a aula, o que fazer quando alguém começa a ficar de fora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Camilla Ribeiro Ramos. **A tematização do "Manual dos esportes pouco conhecidos" com as turmas do 2º ano do Ensino Fundamental**: o caso do CAp-UERJ. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

BITTENCOURT, Caio César De Rosa. **A importância da imersão pedagógica na formação do professor de Educação Física**: o caso de Paraty-RJ. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Coeducação e educação física escolar**: reflexões introdutórias e sistematização de atividades. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. Corpo. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.).

Dicionário Paulo Freire. 2. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MARTINS, Raphaell Moreira; NOGUEIRA, Pedro Henrique Silvestre. A tematização sobre o corpo consciente na educação física escolar: um diálogo à luz da pedagogia de Paulo Freire. **Revista de Educação Popular,** Uberlândia, ed. especial, p. 259-276, set. 2021.

MATOS, Marcelo. **Manual dos esportes pouco conhecidos.** Rio de Janeiro: Telha, 2022.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional,** Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

CAPÍTULO 4

PLANOS QUE ATRAVESSAM O OCEANO: CORPO CONSCIENTE E FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE BRASIL E ALEMANHA

Michael Pires Soares (IEFD-UERJ)
Rafaela Soares Cortes (IEFD-UERJ)
Fabiana Rodrigues de Sousa Mast (Fachakademie für Sozialpädagogik, Bfz Augsburg, à época do projeto)

INTRODUÇÃO

Em 2024, o projeto Prodocência "O corpo como prática pedagógica: um diálogo entre Rio de Janeiro (Brasil) e Augsburg (Alemanha)" inverteu a direção do trabalho. Nos dois anos anteriores, a equipe brasileira havia planejado as próprias aulas. Naquele ano, cinco planos de aula foram elaborados em Augsburg, no âmbito da parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik, sob coordenação de Fabiana Mast. À equipe brasileira coube recebê-los, traduzi-los e adaptá-los para as turmas do Rio de Janeiro.

Este capítulo relata essa experiência. Trata-se de um relato de experiência de formação docente (Mussi; Flores; Almeida, 2021), cujas fontes são os cinco planos alemães, reproduzidos nos anexos A a E, os planos adaptados pela equipe brasileira, reproduzidos nos apêndices A a E, e os registros da equipe sobre as aulas.

A experiência é lida pela categoria corpo consciente, apresentada no capítulo 1, que toma como eixo a relação do corpo com o mundo.

Nas aulas, a equipe se orientou pela problematização, que recusa tratar os educandos como seres vazios a serem enchidos de conteúdo, e pela unidade entre ação e reflexão sobre o mundo que

Freire (1987) chama de práxis. Orientou-se, sobretudo, pelo diálogo, porque "somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo" (Freire, 1987, p. 83). Ao planejar as adaptações, a equipe também se apoiou na compreensão de que a educação libertadora "pode propiciar aos oprimidos/excluídos mecanismos de criação de culturas, políticas e práticas inclusivas", em que as barreiras à aprendizagem possam ser removidas (Silva, 2023, p. 19).

O PERCURSO

A parceria com Fabiana Mast começou em 2022. Em agosto daquele ano, ela esteve no Rio de Janeiro e apresentou à equipe a Pedagogia do Movimento e Rítmica e o conceito de Escola em Movimento (Mast, 2022). Em 2023, a equipe brasileira planejou e conduziu suas próprias aulas. Em 2024, os planos alemães foram recebidos em 16 de abril, traduzidos e aplicados a partir de 30 de abril, durante cinco semanas, com quatro grupos de aproximadamente quinze crianças do 2º ano do CAp-UERJ. A tradução foi feita em duas etapas, do alemão para o inglês e do inglês para o português, por licenciandas, licenciandos e coordenação, com apoio de ferramentas de tradução automática, porque a equipe brasileira não lia alemão. A dupla passagem tem um custo: termos técnicos da pedagogia do movimento podem perder precisão ao atravessar duas línguas. Para reduzir esse risco, as traduções foram revisadas por Fabiana Mast, os princípios didáticos de Renate Zimmer foram mantidos no original, acompanhados da tradução, como em participação voluntária (*Freiwilligkeit*) e ação por iniciativa própria (*Selbsttätigkeit*), e os anexos reproduzem cada plano no original ao lado da tradução, o que permite ao leitor conferir as escolhas da equipe.

As aulas mantiveram a rotina que a equipe vinha construindo. A roda inicial seguia uma sequência fixa: sentar em círculo, fazer a chamada ligada ao tema da aula, dar os informes, retomar os combinados de convivência, lembrar a aula anterior e explicar as

atividades do dia. Na roda inicial, a equipe informava às crianças que as atividades tinham sido planejadas por colegas da Alemanha. A roda final era o momento em que as crianças diziam o que tinham vivido. A avaliação acompanhava a participação de cada criança, sem classificação, e buscava identificar dificuldades e possibilidades para o planejamento seguinte.

Ao receber os planos, a equipe os leu inicialmente como propostas esportivizadas. Os temas (futebol, tênis, basquete e handebol) e a articulação com os Jogos Olímpicos de Paris pareciam indicar uma Educação Física centrada no ensino de modalidades e no desempenho, justamente a tendência que a equipe vinha problematizando a partir das Olimpíadas do CAp-UERJ. Essa leitura foi revista nos encontros semanais de formação e nos estudos do projeto, à medida que a equipe examinava os próprios documentos: os planos se apresentavam como propostas psicomotoras, organizavam-se por princípios de participação voluntária e de iniciativa própria e, na origem, destinavam-se a trabalhar conteúdos escolares por meio do movimento. Essa mudança está documentada nas observações registradas pela própria equipe, com os limites apontados nas considerações deste capítulo.

O QUE OS PLANOS ALEMÃES PROPUNHAM

A proposta original da equipe de Augsburg consistia em trabalhar, de forma lúdica e por meio do movimento, conteúdos escolares como matemática e língua alemã. Para aproximar as ações desenvolvidas nos dois contextos, a temática foi posteriormente articulada aos Jogos Olímpicos de Paris, em diálogo com as questões que a equipe brasileira vinha discutindo a partir das Olimpíadas do CAp-UERJ, especialmente a supervalorização da performance esportiva. Assim, os esportes apareceram como temas escolhidos pelas e pelos estudantes da Fachakademie dentro de um projeto mais amplo de aprendizagem em movimento, e não como expressão de uma concepção de Educação Física orientada ao rendimento.

Os cinco planos foram produzidos para duas turmas do segundo ano da Werner-Egk-Schule, uma escola primária de Augsburg, com, ao todo, doze a catorze crianças que participavam pela primeira vez do projeto do Bfz. Os temas esportivos foram escolhidos com liberdade, desde que relacionados aos Jogos Olímpicos de Paris; por isso, recaíram sobre modalidades que as e os estudantes conheciam ou dominavam e, no caso do futebol, sobre um pedido das próprias crianças. As aulas aconteciam no refeitório da escola primária ou, quando as condições climáticas permitiam, no pátio, sem quadro ou materiais esportivos convencionais, com o uso de materiais alternativos e atividades adaptadas. Cada plano se apresenta como uma proposta psicomotora (*psychomotorisches Angebot*). Os temas são jogos de apresentação e conhecimento mútuo (*Kennenlernspiele*), jogos básicos para o futebol, tênis como modalidade olímpica, basquete e handebol (Mast, 2024).

O formato dos planos também confirma essa orientação. Cada plano justifica a escolha do tema com base na situação do grupo, define ao menos três objetivos, descreve uma atividade de abertura, as atividades principais e uma atividade de encerramento e indica princípios didáticos de Renate Zimmer que orientam a proposta. Entre esses princípios estão a participação voluntária (*Freiwilligkeit*), segundo a qual a participação deve ser deixada à escolha das crianças; a ação por iniciativa própria (*Selbsttätigkeit*), condição para que a criança desenvolva o "eu", tome iniciativa e assuma responsabilidade pelo que faz; a participação nas decisões (*Mitbestimmung*); a proximidade com a vida (*Lebensnähe*); e a adequação à criança (*Kindgemäßheit*) (Zimmer, 2014 *apud* Mast, 2024). Os planos indicam ainda as capacidades motoras e as formas de percepção trabalhadas em cada aula, como coordenação, velocidade e percepção visual e auditiva. No primeiro plano, o objetivo declarado é que as crianças das duas turmas se conheçam, fortaleçam o grupo e se sintam acolhidas, pertencentes e, ao mesmo tempo, livres (Mast, 2024).

A diferença entre os dois contextos não estava, portanto, numa concepção de rendimento. Estava nos temas esportivos escolhidos, que pressupunham um repertório motor que parte das crianças brasileiras ainda não tinha, e nas condições materiais das aulas, restritas nos dois contextos: em Augsburg, o refeitório sem materiais esportivos convencionais; no Rio, a escassez de material e de espaço. Pela categoria corpo consciente, os planos alemães e a prática brasileira compartilhavam a preocupação com o pertencimento e com a iniciativa das crianças. O que mudava era o mundo concreto em que os corpos das duas turmas se moviam.

AS ADAPTAÇÕES

A equipe adaptou cada plano às turmas, e os registros indicam as seguintes mudanças. Os apêndices reproduzem os planos adaptados antes das aulas. Parte das mudanças descritas a seguir foi decidida durante as próprias aulas, a partir da resposta das turmas, e por isso não aparece nos apêndices.

Na aula 1 (apêndice A; anexo A), dedicada aos jogos de apresentação, a primeira atividade funcionou sem mudanças. Na segunda, o jogo do tamanduá e da formiga, a atribuição espontânea de papéis gerou disputas que interromperam o jogo. A equipe parou a atividade, conversou com a turma sobre a escuta e as regras e passou a atribuir os papéis individualmente. Na terceira, durante a aula, a equipe substituiu a bola por bexigas.

Na aula 2 (apêndice B; anexo B), dedicada aos jogos básicos para o futebol, a atividade de coordenação podia ser feita com bolas de futebol ou, por segurança, com bolas de jornal. Durante a aula, a escolha do "bobinho" passou a ser feita por sorteio, para tornar a escolha mais equitativa, e o boliche de futebol foi reorganizado em fila, com cones ou pinos de boliche, para que todas as crianças pudessem participar.

Na aula 3 (apêndice C; anexo C), dedicada ao tênis, as crianças usaram as mãos como raquetes e bexigas no lugar das bolas, o que permitiu a participação de todas sem raquetes e sem conhecimento

prévio da modalidade. A atividade de biatlo foi transformada numa proposta semelhante ao boliche, porque alguns grupos tinham dificuldade com os arremessos.

Na aula 4 (apêndice D; anexo D), dedicada ao basquete, a primeira atividade foi reorganizada em fila, com cada criança lançando ou rolando a bola em direção a um bambolê. O jogo de batata quente ganhou um gol como alvo, e as crianças deviam correr até ele quando o apito soava.

Na aula 5 (apêndice E; anexo E), dedicada ao handebol, a equipe partiu do jogo "handebol de cone" e, durante a aula, propôs às crianças repensar as regras. O jogo de derrubar os cones do adversário passou a ter como objetivo derrubar os cones da própria cor, com pontuação a cada acerto.

Em várias aulas no CAp-UERJ, a equipe brasileira substituiu a bola de futebol por bolas de borracha e, depois, reintroduziu gradualmente a bola oficial, observando a dificuldade das crianças de chutar e passar. Nas atividades com bola, usou uma rede de vôlei como anteparo, para evitar impactos no rosto e no corpo. A equipe atribuiu parte das dificuldades motoras observadas aos efeitos da pandemia de covid-19 sobre as experiências corporais das crianças. Trata-se de uma hipótese da equipe, que este relato não tem como verificar.

DISCUSSÃO

Lidas pela categoria corpo consciente, as adaptações têm um traço comum: todas mudaram a organização da atividade para que nenhuma criança ficasse de fora. A troca do material diminuiu o risco e a exigência técnica. A reorganização em filas e em círculos garantiu a vez de cada criança. O sorteio do bobinho tirou das preferências do grupo a escolha de quem fica no meio. Cada uma dessas decisões responde a uma pergunta que a categoria propõe: como o material, a regra e o espaço da aula organizam quem participa?

Há uma tensão que o relato não resolve. Organizar a atividade em fila garante a vez de cada criança, mas reduz o tempo de

movimento e as decisões que as crianças tomam durante o jogo. Os planos alemães, pelo princípio da ação por iniciativa própria, apostavam em atividades em que as crianças decidiam mais. A equipe brasileira, diante de turmas com repertório motor heterogêneo, optou muitas vezes por mais controle. Essa escolha protegeu a participação, mas não ampliou na mesma medida a autonomia.

A equipe registrou que a menção à origem alemã das atividades despertou interesse e sentimento de valorização nas crianças. O registro não detalha como esse interesse se manifestou, e ele não foi transformado em conteúdo das aulas. Poderia ter sido o ponto de partida para conversar sobre o que as crianças dos dois países têm em comum e o que diferencia seus mundos.

CONSIDERAÇÕES

Este relato descreveu a transposição de cinco planos de aula de Augsburg para quatro grupos do 2º ano do CAp-UERJ, em 2024. As adaptações da equipe brasileira buscaram garantir a participação de todas as crianças diante de um repertório motor heterogêneo e de materiais limitados. A leitura inicial dos planos como esportivizados foi revista ao longo do processo: os próprios documentos descrevem propostas psicomotoras pautadas pela participação voluntária e pela iniciativa das crianças.

Para a formação docente, a experiência teve dois resultados. O primeiro foi aprender a adaptar um planejamento que não era da equipe sem abandonar seus objetivos. O segundo foi perceber que a leitura de uma prática estrangeira passa pelos pressupostos de quem lê. A visita de Fabiana Mast ao Rio de Janeiro, em 2022, e o contato com a Pedagogia do Movimento ampliaram o repertório da equipe, mas foi o trabalho com os planos concretos que mostrou a distância entre o que a equipe esperava encontrar e o que estava escrito.

Os limites deste relato precisam ser registrados. Os registros brasileiros foram produzidos pela própria equipe, sem instrumento

comum. Não há, neste livro, registros das aulas realizadas em Augsburg, o que impede comparar as experiências das crianças dos dois países. A comparação fica restrita aos planejamentos. Algumas adaptações feitas durante as aulas foram registradas de forma resumida, sem detalhamento suficiente das regras para que possam ser reproduzidas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MAST, Fabiana Rodrigues de Sousa. **Bewegungspädagogik und Rhythmik:** "Bewegte Schule", escola em movimento. Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Apresentação de slides.

MAST, Fabiana Rodrigues de Sousa (coord.). **Material didático**: planos de aula. Augsburg: Fachakademie für Sozialpädagogik, Bfz Augsburg, 2024. 5 planos. Não publicado.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional,** Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SILVA, Ana Patrícia da. **O princípio de inclusão em educação física escolar**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – JOGOS DE APRESENTAÇÃO

PLANO ADAPTADO · AULA 1	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Bola e fita crepe.
Objetivo	Experimentar diferentes jogos que trabalhem os aspectos socioafetivos, cognitivos e motores das crianças.
Início	Roda de conversa: chamada e apresentação das atividades vindas da Alemanha.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Procurando um amigo.** A turma forma uma roda, de mãos dadas, e o professor escolhe uma criança para começar. Ela dá uma volta por fora da roda dizendo "Estou à procura de um amigo", escolhe um colega e toca nas costas dele. O colega escolhido dá a mão a quem o escolheu e pergunta: "O que você mais gosta de fazer?". Depois da resposta, a dupla se senta na linha lateral da quadra. **Atividade 2. Tamanduá.** As crianças se posicionam nas marcações feitas pelo professor no chão. Uma delas é escolhida para ser a formiga e sai da quadra por um momento, enquanto a turma escolhe quem será o tamanduá. Quando a formiga volta, tem cinco chances para descobrir o tamanduá. Descoberto o tamanduá, todos trocam de lugar; quem ficar sem marcação é a nova formiga, e a brincadeira recomeça. **Atividade 3. Estátua com bola.** De novo em roda, as crianças passam a bola para o colega do lado. Ao comando do professor, quem está com a bola a joga para cima, e as outras se espalham. Quando pega a bola de volta, a criança diz "Pare!"; todas ficam paradas, de pernas abertas, e ela tenta passar a bola por baixo das pernas de alguém. Depois, a atividade recomeça.
Fechamento	Roda de conversa final.
Plano de origem	Anexo A (Mast, 2024)

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

APÊNDICE B – JOGOS BÁSICOS PARA O FUTEBOL

PLANO ADAPTADO · AULA 2	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Bolas de futebol ou bolas de jornal; cones ou pinos de boliche.
Objetivo	Experimentar diferentes jogos e atividades que trabalhem os aspectos cognitivos, socioafetivos e motores das crianças.
Início	Roda de conversa: chamada e apresentação das atividades vindas da Alemanha.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Mantenha o campo limpo!** A quadra é dividida em duas partes, com a mesma quantidade de bolas espalhadas em cada lado, e uma equipe fica em cada campo. Ao comando do professor, cada equipe arremessa com as mãos as bolas do seu lado para o campo adversário. Vence a equipe que esvaziar completamente o próprio campo; se nenhuma conseguir, o jogo termina em cerca de dois minutos, e vence a que tiver menos bolas no seu lado. **Atividade 2. Bobinho.** As crianças formam um círculo, e uma ou duas são escolhidas para ficar no meio. As outras trocam passes, e quem está no meio tenta tocar a bola. Quando consegue, troca de lugar com a criança que fez o passe ou perdeu a bola. **Atividade 3. Boliche de futebol.** A turma se divide em quatro grupos. Em cada grupo, o professor escolhe uma criança para proteger os cones, e as demais tentam derrubá-los. O rodízio acontece quando todos os cones caem ou ao comando do professor.
Fechamento	Roda de conversa final.
Plano de origem	Anexo B (Mast, 2024)

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

APÊNDICE C – TÊNIS

PLANO ADAPTADO · AULA 3	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Bexigas, pinos de boliche, bolas de queimada, barbante e cones.
Objetivo	Experimentar o tênis de forma lúdica e introdutória, desenvolvendo habilidades motoras finas.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do tema da aula e das atividades do dia.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Biatlo.** A turma forma uma fila, e cada criança, na área marcada pelo professor, tem duas chances para arremessar a bola e acertar o pino pendurado no gol. Quem não acerta faz um percurso com um cone na cabeça, jogando uma bexiga para cima sem deixá-la cair. **Atividade 2. Sanduíche.** Em duplas, as crianças seguram uma bola entre as mãos e fazem o percurso definido pelo professor: na ida, com as palmas das mãos; na volta, com o dorso. **Atividade 3. Mantenha a bola no ar.** A turma se divide em dois grupos, cada um em roda. O professor joga uma bexiga para o alto, e o grupo tenta mantê-la no ar sem deixá-la cair. Depois, a turma forma uma única roda, e o professor joga uma ou mais bexigas para que todos, em cooperação, as mantenham no ar.
Fechamento	Roda de conversa: se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Plano de origem	Anexo C (Mast, 2024)

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

APÊNDICE D – BASQUETE

PLANO ADAPTADO · AULA 4	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Bolas de basquete, bolas de queimada e bambolês.
Objetivo	Experimentar o basquete de forma lúdica e introdutória, valorizando o trabalho cooperativo e o protagonismo das crianças.
Início	Roda de conversa: chamada, apresentação do tema da aula e das atividades do dia.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Basquete com bambolês.** A turma forma uma fila na área marcada pelo professor. Cada criança tem duas chances para lançar ou rolar a bola de basquete para dentro do bambolê e marcar pontos, que se acumulam. **Atividade 2. Batata quente adaptada.** A turma se divide em dois grupos, cada um com uma bola. Ao comando do professor, as crianças passam a bola para o colega do lado; ao apito, quem está com a bola conta até três e corre para o gol. Marca ponto quem chega primeiro. **Atividade 3. Pique-pega com bola.** O professor escolhe uma criança para começar, e ela tenta pegar os colegas tocando-os com a bola. Quem é pego conta até três, e a brincadeira recomeça.
Fechamento	Roda de conversa: se gostaram das atividades e o que sentiram ao realizá-las.
Plano de origem	Anexo D (Mast, 2024)

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

APÊNDICE E – HANDEBOL

PLANO ADAPTADO · AULA 5	
Turma	2º ano do Ensino Fundamental
Espaço	Quadra poliesportiva
Materiais	Bolas de handebol, bolinhas de jornal azuis e cones.
Objetivo	Experimentar o handebol de forma lúdica e introdutória, valorizando o trabalho cooperativo e o protagonismo das crianças.
Início	Roda de conversa: chamada e apresentação das atividades vindas da Alemanha.
Desenvolvimento	**Atividade 1. Handebol de cone.** A turma se divide em dois grupos, cada um num lado da quadra, onde há cinco cones. As crianças tentam derrubar os cones do outro lado rolando a bola e podem defender os próprios cones. Quando os cinco cones de um lado caem, ou depois de dois minutos, a atividade recomeça. **Atividade 2. Bola de coco.** Com as mesmas equipes, cada uma num lado da quadra, cada criança recebe uma bola. As equipes jogam as bolas para o campo adversário, tentando manter o próprio campo limpo. Depois de dois minutos, o professor interrompe a atividade e conta as bolas de cada lado; vence o lado que tiver menos bolas. No plano original, o jogo se chama Kokosnussball.
Fechamento	Roda de conversa final.
Plano de origem	Anexo E (Mast, 2024)

Fonte: arquivo do projeto, com adaptação do formato.

ANEXO A – JOGOS DE APRESENTAÇÃO

TRADUÇÃO	
Autoria	Parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik (Bfz Augsburg), sob coordenação de Fabiana Rodrigues de Sousa Mast.
Turma	2a e 2b (Werner-Egk-Schule)
Data	20/02/2024
Tema	Jogos de apresentação (Kennenlernspiele)
Situação e grupo	As 12 crianças das turmas 2a e 2b participam pela primeira vez do projeto esportivo do Bfz. É importante que conheçam a si mesmas, a própria capacidade de movimento e os próprios limites. Além disso, precisam conhecer as crianças da outra turma e suas competências motoras, perceber que juntas brincam melhor e formar um grupo harmonioso. O grupo é formado por crianças do 2º ano cujas professoras se interessaram pelo projeto esportivo do Bfz.
Objetivos	• Por meio de jogos, as crianças da turma 2a devem estabelecer os primeiros contatos com as crianças da turma 2b. • Fortalecer o grupo: todas as crianças devem se sentir acolhidas, pertencentes e, ao mesmo tempo, livres. • Conhecer a própria capacidade de movimento.
Preparação	Todos os participantes precisam de roupa e tênis esportivos. O plano não indica mídias nem materiais.
Abertura	1. Bom dia: rap com percussão corporal. Letra, em tradução livre: "Desejo a você um bom dia! (bater nas coxas) / E que hoje todos gostem de você. (bater palmas) / Que, com o que hoje acontecer, (tocar o peito) / você fique muito feliz e satisfeito. (estalar os dedos)". 2. Procuro um amigo. As crianças dão as mãos e formam um círculo. Uma criança começa, anda por fora do círculo e diz: "Procuro um amigo que vá comigo". Toca uma criança, que a segura pela mão e dá a volta junto, e pergunta: "Como se chama meu amigo?". A outra diz o nome, e as duas seguem ao redor do círculo. A criança escolhida procura então um novo amigo, com as mesmas palavras, e assim por diante, até o círculo se desfazer. Depois, a primeira criança chama um colega pelo nome, por exemplo: "Procuro um amigo que se chama Karim". Karim sai da fila, segura a mão livre da primeira criança e passa a conduzir a fila: "Procuro um amigo que se chama Mona". E assim por diante.
Atividades principais	1. Tamanduá. As crianças ficam em círculo, cada uma dentro de um bambolê. Uma delas é a formiga, e seu bambolê é

	retirado. A formiga sai da sala por um momento, enquanto as outras decidem quem será o tamanduá. Quando volta, a formiga pergunta a cada uma: "Eu sou a formiga, e você, quem é?". As crianças dizem o próprio nome, mas a que foi escolhida responde: "Eu sou o tamanduá!". Na mesma hora, todas trocam de lugar, e a formiga também tenta ocupar um bambolê. Quem ficar sem bambolê é a nova formiga, e o jogo recomeça. 2. Adivinhe o nome. As crianças andam pela sala ao som de música e, ao comando de quem conduz, pulam, dão passos largos ou andam na ponta dos pés. Em certo momento, quem conduz para a música e diz o nome de alguém do grupo, por exemplo, Luka. Todos correm até a criança que acham que é Luka. Na rodada seguinte, Luka diz um nome. 3. Stoppball. As crianças formam um círculo fechado em volta de uma delas, que recebe uma bola. Ela joga a bola para o alto e diz um nome do grupo. Enquanto a bola está no ar, as demais se espalham. A criança chamada pega a bola e grita "Stop!", e todos param. Então ela tenta acertar alguém com a bola. Se conseguir, quem foi atingido vai para o meio e joga a bola, e o jogo recomeça.
Encerramento	Silvia gosta de esporte. As crianças ficam em círculo, e cada uma pensa num esporte que comece com a mesma letra do próprio nome. Na sua vez, cada uma se apresenta, por exemplo: "Eu me chamo Silvia e gosto de natação" (no original, Silvia e Schwimmen começam com a mesma letra). Fica mais difícil quando a criança seguinte precisa repetir o que foi dito: "Esta é a Silvia, ela gosta de natação. Eu sou a Kim e gosto de karatê".
Princípios didáticos (Zimmer, 2014)	• Participação voluntária (Freiwilligkeit): a participação na proposta deve, em princípio, ficar a critério das crianças. • Ação por iniciativa própria (Selbsttätigkeit): agir por impulso próprio é, para as crianças, condição para o desenvolvimento do "eu". Assim, elas se tornam capazes de tomar a iniciativa e de assumir a responsabilidade pelo que fazem.
Capacidades motoras	• Coordenação: no Stoppball, as crianças exercitam a coordenação olho-mão. • Velocidade: os três jogos da fase principal permitem exercitar essa capacidade.
Percepção	• Visual: os três jogos da fase principal estimulam a percepção visual.

	• Auditiva: os três jogos da fase principal estimulam a percepção auditiva.
Fontes indicadas no plano	https://www.youtube.com/watch?v=GXWMJZGU9II https://www.backwinkel.de/blog/kennenlernspiele/ https://www.kinderspiele-welt.de/ballspiele/stoppball.html

Fonte: Mast (2024). Tradução da equipe brasileira, revisada por Fabiana Mast.

ORIGINAL (ALEMÃO) · KENNENLERNSPIELE	
Name	Dr. Fabiana Rodrigues Mast
Klasse	2a & 2b (Werner-Egk Schule)
Datum des Einsatzes	20.02.2024
1. Thema	Kennenlernen Spiele
2. Situativer Ansatz & Zielgruppe	Die 12 Kinder der 2a und 2b Klassen werden das erste Mal im Sportprojekt des Bfz teilnehmen. Es ist wichtig für die Kinder sich selbst, ihre Bewegungsfähigkeit und ihre Grenze kennenlernen. Außerdem sie müssen die Kinder anderer Klasse und ihrer motorischen Kompetenzen erfahren, dass sie zusammen besser spielen können und eine harmonische Gruppe bilden. Die Zielgruppe ist Kinder der 2. Klasse, die die Lehrerinnen Interesse gehabt haben im Sportprojekt des Bfz.
3. Zielsetzung	● Durch Spiele sollen die Kinder der Klasse 2a die ersten Kontakte mit den Kindern der Klasse 2b verknüpfen ● Gemeinschaft zu stärken - Alle Kinder sollen sich in der Gruppe aufgehoben, zusammengehörig und zugleich frei fühlen. ● Eigene Bewegungsfähigkeit kennenlernen
4. Vorbereitung	4.1 Medien und Material: – 4.2 Vorüberlegung: Alle Teilnehmer brauchen Sportkleidung und Sportschuhe.
5.1 Einleitung	1. Guten Tag: Rap mit Bodypercussion. Liedtext: Ich wünsche dir einen schönen Tag! (patschen) / Und das dich heute jeder mag. (klatschen) / Das du mit dem was heute ist (Brust) / Sehr froh und auch zufrieden bist. (schnipseln) 2. Ich suche einen Freund. Alle Kinder fassen sich an den Händen und bilden einen Kreis. Ein Spieler beginnt, geht außen um den Kreis und sagt: „Ich suche einen Freund, der mit mir geht.“ Er tippt ein

	Kind an, das ihn an der Hand fasst und mit um den Kreis geht. Dabei fragt er: „Wie heißt mein Freund?“ Der Mitspieler nennt seinen Namen und sie gehen weiter um den Kreis. Nun sucht sich das soeben ausgewählte Kind einen neuen Freund, mit den gleichen Worten „Ich suche einen Freund, der mit mir geht“, tippt ein weiteres Kind an, das mitgeht und auf die Frage „Wie heißt mein Freund?“ antwortet. Das geht so weiter, bis der innere Kreis aufgelöst ist. Der erste Spieler sucht dann ein bestimmtes Kind mit Namen, z. B.: „Ich suche einen Freund, der Karim heißt.“ Karim löst sich aus der Schlange und fasst die freie Hand des ersten Spielers. Jetzt führt Karim die Schlange an und sagt: „Ich suche einen Freund, der Mona heißt.“ Mona löst sich aus der Schlange, fasst Karims freie Hand. Und so weiter
5.2 Durchführung – Hauptaktivitäten	1. Ameisenbär. Die Kinder stehen im Kreis (im Reifen). Ein Kind ist die Ameise und sein Reifen wird beiseitegestellt. Die Ameise wird kurz aus dem Zimmer geschickt, während die Mitspieler entscheiden, welches Kind der Ameisenbär ist. Dann wird die Ameise wieder hereingerufen. Sie geht reihum und fragt: „Ich bin die Ameise und wer bist du?“ Die Angesprochenen nennen ihre Namen. Fragt die Ameise jedoch das Kind, das zuvor bestimmt wurde, bekommt sie zur Antwort: „Ich bin der Ameisenbär!“ Sofort wechseln alle Kinder ihre Plätze, auch die Ameise versucht, einen Platz zu ergattern. Das Kind, das keinen freien Reifen erwischt, ist nun die Ameise und das Spiel beginnt von vorn. 2. Namenraten. Alle Kinder gehen zu Musik im Raum herum, auf Ansage des Spielleiters können sie mal hüpfen, mal schreiten oder schleichen. Irgendwann stoppt der Spielleiter die Musik und ruft einen Namen aus der Gruppe, z. B. Luka. Nun sollen alle schnell zu dem Kind laufen, von dem sie glauben, dass es Luka ist. In der nächsten Runde darf Luka einen Namen ansagen. 3. Stoppball. Die Mitspieler stellen sich in einem engen Kreis um einen Spieler auf. Er bekommt einen Ball in die Hand. Diesen wirft er nun hoch und rufen einen Namen aus der Gruppe. Solange der Ball in der

	Luft ist, rennen die anderen Mitspieler auseinander. Das Kind, das der Name gesagt wurde, fängt den Ball mit seinen Händen und ruft „Stopp!“ Alle Mitspieler müssen stehen bleiben. Jetzt versucht das Kind mit dem Ball einen der anderen Mitspieler anzuschießen. Gelingt ihm dies, muss der Getroffene an seiner Stelle in die Mitte und den Ball werfen, da das Spiel nun wieder von vorn beginnt.
5.3 Abschlussaktivität	1. Silvia mag Sport. Die Kinder stehen im Kreis. Jedes Kind denkt sich eine Sportart, die mit dem gleichen Buchstaben beginnt wie der eigene Vorname. Die Kinder stellen reihum ihre Ergebnisse vor, z. B. sagt Silvia: „Ich heiße Silvia und mag Schwimmen.“ Schwieriger wird es, wenn das nächste Kind wiederholen soll, was gesagt wurde: „Das ist Silvia, sie mag Schwimmen. Ich bin Kim und mag Karate.“
Didaktische Prinzipien (Zimmer, 2014)	● Freiwilligkeit - Grundsätzlich sollte die Beteiligung an dem Bewegungsangebot den Kindern freigestellt werden. ● Selbsttätigkeit - Selbsttätigkeit: Handeln aus eigenem Antrieb ist für Kinder die Voraussetzung für die Entwicklung des >>ich<<. Kinder werden auf diesem Weg dazu befähigt, selbst die Initiative zu ergreifen und für ihr Handeln auch Verantwortung zu übernehmen.
Bewegungsfähigkeiten	● Koordination: Beim Stoppspiel üben die Kinder Hand-Augen Koordination ● Schnelligkeit: In der Hauptspielphase alle 3 spielen können die Kinder die Bewegungsfähigkeit trainieren
Wahrnehmungen	● Visuelle Wahrnehmung: Die drei Spiele in der Hauptphase haben die visuelle Wahrnehmung gefördert ● Auditive Wahrnehmung: Die drei Spiele in der Hauptphase haben die auditive Wahrnehmung gefördert
Quellen	https://www.youtube.com/watch?v=GXWMJZGU9II https://www.backwinkel.de/blog/kennenlernspiele/ https://www.kinderspiele-welt.de/ballspiele/stoppball.html

Fonte: Mast (2024).

ANEXO B – JOGOS BÁSICOS PARA O FUTEBOL

TRADUÇÃO	
Autoria	Parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik (Bfz Augsburg), sob coordenação de Fabiana Rodrigues de Sousa Mast
Turma	2a e 2b (Werner-Egk-Schule)
Data	27/02/2024
Tema	Jogos básicos para o futebol (Grundspiele für Fußball)
Situação e grupo	As 14 crianças das turmas 2a e 2b tiveram a primeira aula do projeto esportivo em 20/02, quando brincaram de vários jogos de apresentação com as e os estudantes da Fachakademie e com a professora de Pedagogia do Movimento. No fim da aula, ouviram falar dos Jogos Olímpicos e não sabiam bem o que eram. Nessa primeira aula, pediram o jogo da muralha da China e futebol. Por isso, esta aula parte dos desejos das crianças: vários jogos básicos para o futebol e duas versões da muralha da China.
Objetivos	• Estimular o trabalho em equipe por meio de diferentes jogos em grupo. • Exercitar a comunicação, desenvolvendo estratégias nos jogos em grupo. • Treinar a coordenação olho-pé em diferentes jogos básicos para o futebol.
Preparação	Materiais: caixa de som, 12 a 15 bambolês (vermelhos, verdes, amarelos, azuis e pretos) e uma bola macia. Espaço: o refeitório da Werner-Egk-Grundschule é usado como espaço de movimento. Outras providências: todos os participantes precisam de roupa e tênis esportivos.
Abertura	1. Bom dia: rap com percussão corporal (canção de boas-vindas), com a mesma letra do Anexo A. 2. Muralha da China (versão com bola de futebol). Primeiro, as crianças brincam de muralha da China sem bola. Marca-se uma zona central de 2 metros de largura no campo retangular. No início, duas ou três crianças, os "chineses", ficam na muralha; as demais, os "ladrões", esperam na ponta do campo. Ao comando, as crianças correm com a bola nos pés em direção à muralha e tentam atravessá-la sem perder a bola. Ao chegar ao outro lado, viram e atravessam de novo. Se um "chinês" conquista uma bola, ganha um ponto, continua na zona central e tenta de novo. Depois de cerca de dois minutos, os "chineses" são trocados.

Atividades principais	1. Mantenham o campo limpo! Preparação: o refeitório é dividido em dois campos com mesas, e o maior número possível de bolas é distribuído igualmente pelos dois lados; é importante que haja a mesma quantidade de bolas em cada campo. Como se joga: há uma equipe em cada campo. Ao apito, cada equipe chuta suas bolas para o campo adversário, e as bolas "novas" que chegam do outro lado são devolvidas o mais rápido possível. Vence a equipe que conseguir esvaziar completamente o próprio campo; se nenhuma conseguir, o jogo termina em cerca de dois minutos, e vence a que tiver menos bolas no próprio campo ao apito final. O jogo pode ser repetido várias vezes. 2. Tigre no meio (versão com bola de futebol). Preparação: uma ou mais bolas. Como se joga: as crianças formam um círculo, e uma ou duas são escolhidas para ficar no meio. Seu objetivo é tocar a bola enquanto as outras trocam passes. Quando quem está no meio toca a bola, troca de lugar com a criança que fez o passe ou perdeu a bola. Variação: quem está no meio precisa dominar a bola, e não apenas tocá-la, ou quem está no círculo só pode tocar uma vez na bola, passando-a de primeira. 3. Boliche-futebol (Kegelfußball). Jogo de percepção para crianças dos anos iniciais em que cada criança protege um pino e, ao mesmo tempo, tenta derrubar com a bola os pinos das outras. A turma é dividida em quatro grupos; cada equipe defende seus pinos e tenta derrubar os das outras três.
Encerramento	Futebol às cegas. As crianças, de olhos fechados, tentam acertar o gol adversário. Para que o jogo funcione, todos precisam ficar em silêncio e seguir a voz de quem orienta e de quem chama, posicionado no gol.
Princípios didáticos (Zimmer, 2014)	• Participação voluntária (Freiwilligkeit): a participação na proposta deve, em princípio, ficar a critério das crianças. • Ação por iniciativa própria (Selbsttätigkeit): agir por impulso próprio é, para as crianças, condição para o desenvolvimento do "eu". Assim, elas se tornam capazes de tomar a iniciativa e de assumir a responsabilidade pelo que fazem.
Capacidades motoras	• Mobilidade: os três jogos da fase principal trabalham a mobilidade. • Coordenação: a coordenação olho-pé é exercitada na abertura e na fase principal.

Percepção	• Visual: os três jogos da fase principal estimulam a percepção visual. • Auditiva: o encerramento (futebol às cegas) estimula a percepção auditiva.
Fontes indicadas no plano	https://www.youtube.com/watch?v=GXWMJZGU9II https://www.mfsfussballtraining.tv/video/chinesische-mauer-531 https://www.kuebler-sport.de/blog/10-spiele-fuer-fussball-in-der-schule/ https://albathek.de/spiele/kegelfussball-abwagungsspiel-zwischen-angriff-und-verteidigung

Fonte: Mast (2024). Tradução da equipe brasileira, revisada por Fabiana Mast.

ORIGINAL (ALEMÃO) · GRUNDSPIELE FÜR FUSSBALL	
Name	Dr. Fabiana Rodrigues Mast
Klasse	2a & 2b (Werner-Egk Schule)
Datum des Einsatzes	27.02.2024
1. Thema	Grundspiele für Fußball
2. Situativer Ansatz & Zielgruppe	Die 14 Kinder der 2a und 2b Klassen haben am 20.02 ihre erste Stunde im Sportprojekt gehabt. Sie haben verschiedene Kennenlernspiele mit der Fachakademie Studenten*innen und die Fachlehrerin für Bewegungspädagogik gespielt. Die Kinder haben am Ende der Stunde über Olympische Spiele gehört und wussten nicht ganz genau was das bedeutet. In der ersten Stunde haben sie sich das Spiel chinesische Mauer und Fußball gewünscht. Heute baue ich meine Stunde auf ihren Wünschen. Wir werden mehrere Grundspiele für Fußball spielen und eine zwei Versionen von chinesischer Mauer spielen.
3. Zielsetzung	● Teamarbeit fördern durch verschiedene Gruppenspiele. ● Kommunikationskompetenz durch die Entwicklung von Strategie in Gruppenspiele üben. ● Fuß-Augen Koordination in verschiedene Grundspiele für Fußball trainieren
4. Vorbereitung	4.1 Medien und Material: ● Für den Unterricht brauche ich Musik Box, 12-15 Reifen (Rote, Grün, Gelb, Blau und Schwarz) und einen Softball.

	4.2 Raum und Raumgestaltung: ● Die Mensa der Werner-Egk Grundschule wird in einen Bewegungsraum verwendet 4.3 Vorüberlegung: Alle Teilnehmer brauchen Sportkleidung und Sportschuhe.
5.1 Einleitung	1. Guten Tag: Rap mit Bodypercussion (Begrüßungslied). Liedtext: Ich wünsche dir einen schönen Tag! (patschen) / Und das dich heute jeder mag. (klatschen) / Das du mit dem was heute ist (Brust) / Sehr froh und auch zufrieden bist. (schnipseln) 2. Chinesische Mauer (Fußball Version). *Zuerst spielen die Kinder die Chinesische Mauer ohne Ball. Chinesische Mauer Markieren Sie eine 2m Breite Mittelzone in dem rechteckigen Spielfeld. Zu Beginn werden zwei bis drei Kinder in unserem Fall die Chinesen auf der Mauer dort hineingestellt. Die restlichen Spieler bei uns die Räuber warten am Ende. Auf ein Kommando laufen die Kinder mit Ball am Fuß Richtung Mauer und versuchen diese zu überwinden ohne dass sie ihnen der Ball abgenommen wird. Kommen Sie am anderen Ende des Spielfelds an, drehen sie sofort um und laufen erneut durch das Feld. Erobert ein Chinese in der Mitte einen Ball, erhält er einen Punkt, bleibt weiter in der Mittelzone und versucht es erneut. Nach ca 2 Minuten werden die Chinesen ausgetauscht.
5.2 Durchführung – Hauptaktivitäten	1. Haltet das Feld frei! Vorbereitung: Die Mensa wird durch Tische in 2 Felder geteilt. Eine möglichst große Zahl an Bällen wird auf beiden Feldern gleichmäßig verteilt. Dabei ist es wichtig, dass sich auf beiden Feldern die gleiche Anzahl an Fußbällen befindet. Spielablauf: In jedem Feld befindet sich eine Mannschaft. Auf Pfiff schießt jede Mannschaft ihre Fußbälle in das gegnerische Feld. Die „neuen" Bälle der gegnerischen Mannschaft, werden so schnell wie möglich aus dem eigenen Feld zurückgeschossen. Gelingt es einer Mannschaft, das Feld vollständig leer zu schießen, ist sie der Sieger des Spiels. Ansonsten wird das Spiel nach ca. 2 Minuten beendet und Sieger ist diejenige Mannschaft, die beim Abpfiff die

	wenigsten Bälle im eigenen Feld hat. Das Spiel kannst Du gut in mehreren Durchgängen spielen. 2. Tiger in der Mitte (Fußball Version). Vorbereitung: Ein Ball oder mehrere Bäll: Spielablauf: Die Schüler bilden einen Kreis. 1 bis 2 Spieler werden ausgewählt. Deren Ziel ist es den Ball zu berühren, während die anderen Spieler sich den Ball hin und her spielen. Wenn die Person in der Mitte den Ball berührt hat, wechselt sie mit der Person die Position, die den Ball gepasst bzw. verloren hat. Variation: Die Spieler in der Mitte müssen den Ball unter Kontrolle bringen, anstatt nur zu berühren oder die Spieler im Kreis dürfen den Ball nur einmal berühren und müssen somit den Ball direkt weiterspielen. 3. Kegelfußball. Kegelfußball ist ein Wahrnehmungsspiel für Grundschulkinder, bei dem die Kinder einen Kegel beschützen müssen und gleichzeitig mit Bällen die Kegel der anderen Kinder umschießen sollen. Bei diesem Spiel werde ich die Kinder in 4 Gruppen teilen und jede Mannschaft soll ihre Kegel verteidigen und die Kegel von anderen drei Mannschaft umschießen
5.3 Abschlussaktivität	1. Blindenfußball. Die Kinder haben Augen zu und versuchen den gegnerischen Toren zu treffen werden. Das das Spiel gut läuft muss alle ruhige bleiben und die Stimme von ihrem Trainer und der Rufer im Tor zu folgen.
Didaktische Prinzipien (Zimmer, 2014)	● Freiwilligkeit - Grundsätzlich sollte die Beteiligung an dem Bewegungsangebot den Kindern freigestellt werden. ● Selbsttätigkeit - Selbsttätigkeit: Handeln aus eigenem Antrieb ist für Kinder die Voraussetzung für die Entwicklung des >>ich<<. Kinder werden auf diesem Weg dazu befähigt, selbst die Initiative zu ergreifen und für ihr Handeln auch Verantwortung zu übernehmen
Bewegungsfähigkeiten	● Beweglichkeit: In der Hauptspielphase alle 3 spielen werden die Kinder ihre Beweglichkeit trainieren. ● Koordination: Augen-Fuß Koordination werden in der Einleitung und Hauptphase geschult

Wahrnehmungen	● Visuelle Wahrnehmung: Die drei Spiele in der Hauptphase werden die visuelle Wahrnehmung gefördert ● Auditive Wahrnehmung: In der Abschlussphase (Blindenfußball) wird die auditive Wahrnehmung gefördert
Quellen	https://www.youtube.com/watch?v=GXWMJZGU9II https://www.mfsfussballtraining.tv/video/chinesische-mauer-531 https://www.kuebler-sport.de/blog/10-spiele-fuer-fussball-in-der-schule/ https://albathek.de/spiele/kegelfussball-abwagungsspiel-zwischen-angriff-und-verteidigung Kennenlernen Spiele

Fonte: Mast (2024).

ANEXO C – JOGOS OLÍMPICOS: TÊNIS

TRADUÇÃO	
Autoria	Parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik (Bfz Augsburg), sob coordenação de Fabiana Rodrigues de Sousa Mast
Turma	FA1 (turma das autoras e dos autores); aplicação no 2º ano
Data	Entrega em 15/04/2024; avaliação em 07/05/2024
Tema	Jogos Olímpicos: o tênis
Situação e grupo	O tema escolhido foi o tênis. Por meio de vários jogos, como o "Catapora", as crianças devem aprender a desenvolver o espírito de equipe, ao mesmo tempo que fortalecem o equilíbrio e a coordenação, aspectos muito importantes e marcantes para o futuro, sobretudo nos anos iniciais. Grupo: 2º ano.
Objetivos	• As crianças trazem ideias próprias para realizar ou modificar os jogos de movimento e as põem em prática ao longo da proposta. • As crianças aprendem a agir em equipe e a se apoiar mutuamente. • As crianças trabalham juntas durante a proposta e encontram soluções.
Preparação	Materiais: raquetes de tênis, baldes, bolas de tênis, cones e cadeira ou banquinho. Espaço: a sala é esvaziada para a introdução, criando uma grande área livre e bastante liberdade de movimento para o primeiro jogo. Os materiais do primeiro jogo ficam acessíveis às crianças. A sala deve ser iluminada e sem barreiras, para garantir boas condições à proposta. Os demais materiais ficam na sala ao lado ou nas laterais, para não haver demora procurando. Outras providências: antes do início, pede-se às crianças que usem calçados adequados e antiderrapantes, para evitar acidentes. Sapatos de rua e garrafas de vidro ficam do lado de fora da sala. As regras de convivência são combinadas antes. O andamento da aula é resumido rapidamente, para que cada criança possa decidir se quer participar. Durante toda a proposta, as necessidades das crianças são observadas.
Abertura	Jogo 1: Biatlo. Formam-se duas equipes, e preparam-se três bolas e dois baldes. Antes de começar, as regras são explicadas às crianças, para evitar mal-entendidos. As crianças tentam acertar as bolas nos baldes; quem não

	acerta dá uma volta correndo em torno do campo. O jogo termina quando cada criança tiver acertado pelo menos uma ou duas bolas no balde.
Atividades principais	Jogo 2: Sanduíche. Cada criança recebe uma raquete e uma bola de tênis. Primeiro, formam-se duas equipes, e cada criança escolhe um par da própria equipe; com seis crianças, por exemplo, formam-se três duplas por grupo. As duplas fazem um "sanduíche", prendendo a bola entre as duas raquetes. A primeira dupla tenta levar o sanduíche, sem deixar a bola cair, por um percurso definido pelos adultos; se a bola cair, recomeça do ponto onde caiu. Jogo 3: Catapora. As crianças ficam em círculo, todas com raquete, mas só uma com bola. Quem tem a bola está com a "doença contagiosa" catapora. Antes do jogo, combina-se com as crianças como a "doença" se manifesta, por exemplo, quicar a bola com a raquete ou equilibrá-la sobre a raquete. A criança que começa com a bola faz esse exercício; a da direita "pega" a catapora e repete o exercício. Assim por diante, até a catapora voltar à primeira criança. Se quiserem, os "sintomas" podem ser trocados por outro exercício.
Encerramento	Jogo 4: Circuito de tênis. Monta-se um circuito com cones, e as crianças tentam ir até o outro lado e voltar com a bola o mais rápido possível.
Princípios didáticos (Zimmer, 2014)	A proposta dá ênfase à participação voluntária (Freiwilligkeit) e à participação nas decisões (Mitbestimmung). A participação voluntária tem papel central desde o início: cada criança decide livremente se quer participar e, durante toda a aula, pode sair da proposta, deixar de participar de algum jogo ou assumir outro papel. A participação nas decisões também tem papel central em todos os jogos: as crianças podem decidir como e onde mudar um jogo, por exemplo, para torná-lo mais difícil. Quando uma criança tem uma ideia, o grupo decide de forma democrática se o jogo fica mais difícil ou mais fácil.
Capacidades motoras	• Reconhecer a percepção e a consciência do próprio corpo. • Experimentar e aperfeiçoar habilidades motoras e de coordenação.
Percepção	O plano não inclui esta seção.

Fontes indicadas no plano	O plano não indica fontes.

Fonte: Mast (2024). Tradução da equipe brasileira, revisada por Fabiana Mast.

ORIGINAL (ALEMÃO) · OLYMPISCHE SPIELE: TENNIS	
Namen der Schüler/Schülerinnen	Studierende der Klasse FA1 der Fachakademie für Sozialpädagogik, Bfz Augsburg
Klasse	FA1
Datum des Leistungsnachweises	07.05.24, Abgabe am 15.04.24
1. Thema	Olympische Spiele Sportart Tennis
2. Situativer Ansatz & Zielgruppe	Als Thema wurde die Sportart Tennis gewählt, wobei die Kinder durch die vielen Spiele wie zum Beispiel „Hühnerpocken“ lernen sollen Teamgeist zu entwickeln und dabei wird auch der Gleichgewichtssinn und die Koordination bestärkt, dass ist vor allem im Grundschulalter sehr wichtig und prägend für die Zukunft. Zielgruppe: 2. Klasse
3. Zielsetzung	● Die Kinder bringen eigene Ideen zur Umsetzung oder Abänderung der Bewegungsspiele ein und setzen diese im Verlauf des Angebots um. ● Die Kinder lernen im Team zu handeln und sich gegenseitig zu bestärken. ● Die Kinder arbeiten während dem Angebot zusammen und finden Lösungsmöglichkeiten.
4. Vorbereitung	4.1 Medien und Material: ● Tennisschläger ● Eimer ● Tennisbälle ● Hütchen ● Stuhl oder Hocker 4.2 Raum und Raumgestaltung: Der Raum wird für die Einführung freigeräumt, um eine große offene Fläche zu schaffen, um viel Bewegungsfreiheit für das erste Spiel bieten zu können. Die Materialien für

	das erste Spiel werden für die Kinder zugänglich vorbereitet. Der Raum sollte beleuchtet und barrierefrei sein, um optimale Bedingungen für das Bewegungsangebot zu gewährleisten. Die benötigten Materialien werden im Nebenraum oder am Rand des Raumes bereitgestellt, um eine Verzögerung durch langes Suchen zu vermeiden. 4.3 Vorüberlegung: Bevor das Angebot beginnt, werden die Kinder gebeten passende, rutschfeste Schuhe zu tragen, um Unfälle möglichst zu vermeiden. Die Straßenschuhe und Flaschen aus Glas stehen vor der Tür des Bewegungsraums. Verhaltensregeln werden im Vorfeld besprochen. Zunächst wird der Ablauf kurz zusammengefasst, damit jedes Kind entscheiden kann, ob es mitmachen möchte. Es wird im Laufe des gesamten Angebots auf die Bedürfnisse der Kinder geachtet.
5.1 Einleitung	➔ Spiel 1: „Biathlon“. Zu Beginn des Spiels werden zwei Mannschaften gebildet sowie drei Bälle und zwei Eimer vorbereitet. Bevor wir mit dem Spiel anfangen, erklären wir den Kindern noch die Regeln, so dass keine Missverständnisse entstehen können. In dem Spiel müssen die Kinder versuchen die Bälle in die Eimer zu treffen, gelingt des jedoch nicht müssen die Kinder eine Runde ums Feld laufen. Das Spiel ist dann beendet, wenn jedes Kind mindestens 1-2 Bälle in den Eimer getroffen hat.
5.2 Durchführung – Hauptaktivitäten	➔ Spiel 2: Sandwich. Jedes Kind bekommt einen Schläger und einen Tennisball. Auch hier werden als erstes wieder 2 Mannschaften

	gebildet, nachdem dies geschehen, ist sucht sich jedes Kind einen Partner aus seinem Team aus, so dass am Ende dann bei z.B 6 Kindern 3 Teams pro Gruppe entstehen. Jetzt müssen die Kinder ein sogenanntes Sandwich bilden, indem Sie den Ball zwischen die zwei Tennisschläger klemmen. Nun beginnt das erste Team und versucht ihr Sandwich ohne runterfallen zu lassen über eine von uns Erwachsenen gegebene Strecke zu bringen, fällt der Ball dabei jedoch runter muss von der Stelle ab wo der Ball fallen gelassen wurde neu angefangen werden. ➔ Spiel 3: Hühnerpocken. Bei diesem Spiel stehen die Kinder im Kreis. Alle haben einen Schläger, aber nur ein Spieler hat einen Ball. Der Spieler mit dem Ball hat die „ansteckende" Krankheit Hühnerpocken. Vor dem Spiel besprechen wir mit den Kindern, wie sich die „Krankheit" äußert, z. B. durch Symptome wie einen Tennisball mit dem Schläger prellen oder einen Tennisball jonglieren. Der Spieler, der am Anfang den Ball hat, muss diese Übung dann ausführen. Der Spieler rechts von ihm wird anschließend mit Hühnerpocken angesteckt und macht die Übung nach. Das geht so lange bis die Pocken wieder beim ersten Spieler angekommen sind. Dann können bei Bedarf die Symptome der Hühnerpockenkrankheit geändert werden und durch eine andere Übung ersetzt werden
5.3 Abschlussaktivität	➔ Spiel 4: Tennis Parcour. Zum Abschluss werden wir einen Tennis Parcour aus Hütchen bauen, wo die Kinder dann versuchen müssen mit

	dem Ball so schnell wie möglich auf die andere Seite und zurückzukommen.
Didaktische Prinzipien (Zimmer, 2014)	Als Didaktische Prinzipien haben wir bei unserem Bewegungsangebot den Fokus vor allem auf Freiwilligkeit und Mitbestimmung gelegt. Freiwilligkeit spielt von Beginn an eine Große Rolle. Jedes der Kinder darf frei entscheiden, ob es an unserem Angebot teilnehmen möchte und während dem gesamten Ablauf besteht die Freiheit, das Angebot wieder zu verlassen oder bei bestimmten Spielen nicht teilzunehmen, oder eine andere Rolle einzunehmen. Mitbestimmung spielt ebenfalls bei jedem Spiel eine zentrale Rolle. Da die Kinder auch mitbestimmen sollen dürfen, wie und wo man an dem Spiel was ändern könnte, um es evtl. zu erschweren. Hat ein Kind eine Idee entsteht die Möglichkeit demokratisch zu sein und zu entscheiden, ob ein Spiel erschwert oder vereinfacht werden soll.
Bewegungsfähigkeiten	● Körpergefühl und Körperbewusstsein erkennen ● Motorische und Koordination Fähigkeiten und Fertigkeiten erproben und verfeinern
Wahrnehmungen	–
Quellen	–

Fonte: Mast (2024).

ANEXO D – BASQUETE

TRADUÇÃO	
Autoria	Parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik (Bfz Augsburg), sob coordenação de Fabiana Rodrigues de Sousa Mast
Turma	FA1 (turma das autoras); aplicação no 2º ano
Data	Avaliação em 15/05/2024
Tema	Basquete
Situação e grupo	Anos iniciais, 2º ano (14 crianças). Escolhemos o basquete para que as crianças se movimentem e se divirtam.
Objetivos	• O basquete aumenta a resistência e o condicionamento físico das crianças. • O basquete ajuda as crianças a treinar a coordenação e a melhorar as habilidades motoras. • O basquete estimula a comunicação das crianças em quadra, porque elas precisam aprender a interagir umas com as outras.
Preparação	Materiais: bolas de basquete (7 a 14) e caixa de som. Espaço: as mesas e cadeiras do refeitório são afastadas, para haver mais espaço. Outras providências: antes de começar, as autoras se apresentam às crianças e contam o que vão fazer na aula. Avisam que uma buzina será usada para começar e terminar os jogos.
Abertura	Se não houver bolas suficientes, as crianças se revezam ou formam duplas. Jogo de boas-vindas. As crianças que receberam bola andam quicando-a com a mão direita ou esquerda; as que não têm bola andam pela sala. Ao sinal (buzina), cada criança procura depressa um par que esteja com bola. As duas se cumprimentam batendo as mãos e fazem uma pergunta uma à outra, por exemplo: "Qual é o seu passatempo preferido?". A um novo sinal, o jogo recomeça, até que todas as crianças tenham ficado com a bola ao menos uma vez.
Atividades principais	Jogo principal 1: jogo da tabela. A turma é dividida em duas equipes. Cada equipe tenta arremessar a bola contra a tabela da outra. Não se pode quicar a bola, e cada jogador pode dar só três passos antes de passar ou arremessar. O objetivo é arremessar de modo que a bola, depois de bater na tabela, caia no chão, marcando pontos; se a equipe adversária pegar a bola no rebote, não há

	ponto. Depois de um ponto, a outra equipe recebe a bola e sai de trás da própria linha de fundo. É um jeito divertido de jogar basquete e, ao mesmo tempo, estimular o trabalho em equipe e a estratégia.
Encerramento	Batata quente. Jogo de basquete variado, em que as crianças treinam habilidades como quicar a bola, bandeja e arremessos à cesta. Parar ao sinal "Atenção, batata quente!" estimula a capacidade de reação. A variação de retirar bolas e deixar as crianças disputarem as que sobram estimula a vontade de vencer. Em conjunto, é um exercício exigente e divertido, que desenvolve tanto a técnica quanto o pensamento tático. Para terminar, todos formam um círculo e passam a bola de basquete uns aos outros. Quem está com a bola pode dizer qual jogo foi o mais divertido do dia ou passar a bola para outra criança.
Princípios didáticos (Zimmer, 2014)	• Orientação para a vivência e sentido (Erlebnisorientiertheit e Sinnhaftigkeit): exercícios variados, formas de jogo e competições divertidas garantem a orientação para a vivência; o sentido se transmite no basquete pelas diferentes técnicas, táticas e estratégias. • Adequação à criança (Kindgemäßheit): exercícios, métodos e jogos adequados à idade garantem que as crianças sejam estimuladas e motivadas de forma apropriada.
Capacidades motoras	• Relações sociais: o jogo de boas-vindas cultiva as relações entre as crianças e entre as crianças e as educadoras; a interação ajuda a conhecer melhor os colegas ou a conhecer crianças novas. • Motricidade: o basquete fortalece a motricidade. Diferentes exercícios e métodos desenvolvem capacidades como a coordenação olho-mão. Quicar, passar, arremessar e defender melhoram a motricidade fina e a coordenação. Também são estimuladas a resistência e a velocidade.
Percepção	• Cinestésica: a percepção cinestésica envolve sentir e controlar a posição, o movimento e o esforço das partes do próprio corpo. No basquete, ela é mobilizada enquanto as crianças aprendem movimentos básicos como quicar, arremessar e passar, desenvolvendo a motricidade de forma lúdica e divertida.

	• Visual: a percepção visual diz respeito a como interpretamos e compreendemos informações visuais. Na "batata quente", é muito importante ouvir; por isso, é importante treinar os olhos e o cérebro para processar sinais visuais com rapidez e precisão.
Fontes indicadas no plano	O plano não indica fontes.

Fonte: Mast (2024). Tradução da equipe brasileira, revisada por Fabiana Mast.

ORIGINAL (ALEMÃO) · BASKETBALL	
Namen der Schüler/Schülerinnen	Studierende der Klasse FA1 der Fachakademie für Sozialpädagogik, Bfz Augsburg
Klasse	FA1
Datum des Leistungsnachweises	15.05.2024
1. Thema	Basketball
2. Situativer Ansatz & Zielgruppe	Grundschule, Zweite Klasse (14 Schüler). Wir haben uns für das Thema Basketball entschieden, damit sich die Kinder körperlich bewegen können und Spaß haben.
3. Zielsetzung	Die Ausdauer und die Fitness der Kinder wird durch Basketball gesteigert. Basketball hilf Kindern, ihre Koordinationen zu trainieren und ihre motorischen Fähigkeiten zu verbessern. Basketball fördert die Kommunikation der Kinder auf dem Spielfeld, da sie lernen müssen, miteinander zu interagieren.
4. Vorbereitung	4.1 Medien und Material: Basketbälle (7-14 Stück) Musikbox 4.2 Raum und Raumgestaltung: Wir räumen die Tische und Stühle der Mensa zur Seite damit wir mehr Platz für unser Angebot haben. 4.3 Vorüberlegung: Bevor wir die Stunde starten, stellen wir uns den Kindern vor und erzählen ihnen, was wir in der heutigen Stunde mit Ihnen vorhaben. Wir geben den Kindern einen Hinweis auf unser Horn, dass wir benutzen werden, um das Spiel zu starten oder zu beenden.
5.1 Einleitung	Falls wir nicht genügend Bälle haben, wechseln sich die Kinder ab mit den Bällen oder bilden Duos.

	Einleitendes Spiel: „Begrüßungsspiel“. Die Kinder, die einen Ball bekommen haben, dribbeln im Gehen mit der rechten oder linken Hand den Ball auf den Boden. Die Kinder, die keinen Ball haben laufen durch den Raum. Auf unser Zeichen (Horn) müssen sich die Kinder schnell einen Partner oder Partnerin suchen, die einen Ball haben. Sie klatschen sich daraufhin ab per Handschlag, und müssen sich gegenseitig eine Frage stellen, z.B. Was ist dein Lieblingshobby? Auf ein neues Zeichen beginnen wir das Spiel von vorne. Bis jedes Kind einmal einen Basketball hatte.
5.2 Durchführung – Hauptaktivitäten	Hauptspiel 1: „Brettspiel“. In dem Spiel werden die Schüler*innen in zwei Teams aufgeteilt. Jedes Team versucht, den Ball gegen das Basketballbrett des anderen Teams zu werfen. Die Spieler dürfen den Ball nicht dribbeln und nur drei Schritte machen, bevor sie den Ball abspielen oder werfen müssen. Das Ziel ist es, den Ball so zu werfen, dass er auf den Boden fällt, um Punkte zu erzielen. Wenn die gegnerische Mannschaft den abprallenden Ball fängt, gibt es keinen Punkt. Nach einem Punkt bekommt das andere Team den Ball und startet hinter ihrer Grundlinie. Es ist eine coole Art, Basketball zu spielen und gleichzeitig Teamwork und Strategie zu fördern.
5.3 Abschlussaktivität	„Heiße Kartoffel“. Bei dieser Übung handelt es sich um ein vielseitiges Basketballspiel, bei dem die Kinder verschiedene Fertigkeiten wie Dribbeln, Korbleger und Korbwürfe trainieren. Durch das Stoppen auf das Signal „Achtung, heiße Kartoffel“ wird die Reaktionsfähigkeit gefördert. Die Variation, Bälle zu entfernen und die Kinder, um die verbleibenden Bälle kämpfen zu lassen und fördert den Ehrgeiz der Spieler. Insgesamt eine anspruchsvolle und unterhaltsame Übung, die sowohl technische Fertigkeiten als auch taktisches Denken fördert. Zum Schluss stellen wir uns in den Kreis und werfen den Basketball abwechseln zueinander. Das Kind, dass den Basketball hat darf sagen welches Spiel ihm/ihr heute am meisten Spaß gemacht hat

	oder darf den Basketball einem anderen Kind weiter passen.
Didaktische Prinzipien (Zimmer, 2014)	Erlebnisorientiertheit und Sinnhaftigkeit: Durch abwechslungsreiche Übungen, Spielformen und Wettkämpfe, die den Kindern Spaß machen findet die Erlebnisorientiertheit statt. Das Prinzip der Sinnhaftigkeit wird beim Basketball durch die verschiedenen Techniken, Taktiken und Strategien vermittelt. Kindesgemäßheit: Durch die altersgerechten Übungen, Methoden und Spiele, wird sichergestellt, dass die Kinder angemessen gefördert und motiviert werden.
Bewegungsfähigkeiten	Soziale Beziehungen: Durch das Begrüßungsspiel werden die sozialen Beziehungen der Kinder oder auch zwischen Kinder und Erzieher/innen gepflegt. Durch die Interaktion lernt man sich besser kennen oder lernt neue Kinder kennen, die man noch nicht kennt. Motorik: Beim Basketball wird die Motorik der Kinder gestärkt. Durch verschiedene Übungen und Methoden wird die motorische Fähigkeit wie Hand-Auge-Koordination gestärkt. Durch Dribbeln, Passen, Werfen und Verteidigen wird die Feinmotorik und die koordinative Fähigkeit verbessert. Des Weiteren wird die Ausdauer und Schnelligkeit der Kinder gefördert.
Wahrnehmungen	Kinästethische Wahrnehmung: Die kinästhetische Wahrnehmung beinhaltet die Fähigkeit, die Position, Bewegung und Anstrengung der eigenen Körperteile zu spüren und zu kontrollieren. Bei unserem Bewegungsangebot „Basketball“ wird die kinästhetische Wahrnehmung beansprucht. Hierbei können die Kinder grundlegende Bewegungen wie Dribbeln, Werfen und Passen lernen. Dies ist gleichzeitig eine spielerische Art und Weise ihre motorischen Fähigkeiten zu entwickeln und ebenso Spaß zu haben. Visuelle Wahrnehmung: Die visuelle Wahrnehmung bezieht sich darauf, wie wir visuelle Informationen interpretieren und verstehen. Bei unserem Spiel „heiße Kartoffel“ ist es sehr

	bedeutend zuzuhören. Es ist also wichtig unsere Augen und unser Gehirn darauf zu trainieren visuelle Signale schnell und genau zu verarbeiten
Quellen	–

Fonte: Mast (2024).

ANEXO E – HANDEBOL

TRADUÇÃO	
Autoria	Parceria com a Fachakademie für Sozialpädagogik (Bfz Augsburg), sob coordenação de Fabiana Rodrigues de Sousa Mast
Turma	FA1 (turma das autoras e dos autores); aplicação no 2º ano
Data	Avaliação em 07/05/2024
Tema	Handebol
Situação e grupo	Nosso grupo é o 2º ano do ensino fundamental. Escolhemos o handebol porque oferece várias possibilidades de movimento e desenvolve capacidades motoras. No handebol, destaca-se sobretudo o aspecto lúdico dos esportes coletivos. Além disso, nos jogos as crianças podem medir suas capacidades e habilidades, o que nessa faixa etária costuma motivar.
Objetivos	Ao longo da proposta, as crianças exercitam a motricidade ao lançar e receber, aperfeiçoando a coordenação olho-mão. O arremesso dirigido deve exercitar a concentração e a cognição em sequências de movimento específicas. A proposta oferece às crianças uma compensação para o dia a dia escolar, marcado pelo tempo sentado, o que pode ter efeito positivo sobre a saúde.
Preparação	Materiais: fita crepe, cones, bolas, bolas de tênis, caixa de som e mesas. Espaço: marca-se no chão, com fita crepe, a quadra do jogo principal, o handebol de cone. Os gols são cinco cones, colocados em lados opostos. Não é preciso mais nada, porque o handebol acontece numa quadra; para os outros dois jogos, bastam bolas. Se necessário, o último jogo pode ganhar mesas como obstáculos. Outras providências: primeiro, as mesas são afastadas para ampliar o espaço de movimento. É importante liberar ao máximo a sala, sem nada no chão em que se possa tropeçar. Crianças e adultos usam roupas e calçados esportivos, as bebidas ficam por perto, e joias e acessórios são retirados. As regras de convivência são combinadas no início (por exemplo, quem precisa ir ao banheiro avisa antes de sair), e combina-se que perguntas podem ser feitas a qualquer momento.
Abertura	Rodada de aquecimento (lançar e receber). Adultos e crianças formam um círculo. Depois que os adultos se

	apresentam com nome e passatempo, é a vez das crianças: cada uma recebe a bola e diz o próprio nome e uma informação sobre si (comida preferida, passatempo…). Com tempo bom, as crianças tentam lançar a bola o mais longe possível ou praticam lançar e receber com um par.
Atividades principais	Handebol de cone. Depois de dividir as crianças em dois grupos, explica-se o jogo; as crianças podem decidir se será adultos contra crianças ou crianças contra crianças. A quadra é marcada com fita crepe, e em cada lado se monta um gol com cinco cones coloridos. O objetivo é derrubar os cones da outra equipe. Quando uma equipe derruba os cinco cones, os grupos são misturados, para evitar conflitos por ganhar ou perder. A cada rodada entra uma bola nova, para que as crianças fiquem mais ativas: a ideia surgiu da percepção de que crianças dos anos iniciais podem se distrair ou perder o interesse se ficarem muito tempo paradas.
Encerramento	Bola de coco (Kokosnussball). Formam-se duas equipes, e marca-se no chão, com fita crepe, uma quadra com dois lados e uma linha central, com o mesmo número de bolas em cada metade. Enquanto a música toca, as equipes jogam o maior número possível de bolas do próprio campo para o outro lado. Depois de um tempo, a música para e o jogo termina. Vence quem tiver menos bolas no próprio campo.
Princípios didáticos (Zimmer, 2014)	• Participação voluntária (Freiwilligkeit): a proposta dá às crianças liberdade para decidir se e como querem participar; no primeiro jogo, elas participam como quiserem, decidindo se falam e o quê. • Proximidade com a vida (Lebensnähe): garantida porque os jogos se orientam por um esporte que já existe, o handebol.
Capacidades motoras	• Coordenação: os jogos com bola desenvolvem a coordenação olho-mão por meio de lançar e receber. • Resistência: exercitada no handebol de cone, em que as crianças correm, pulam ou lançam até derrubar os cones. O último jogo também trabalha resistência e velocidade, porque é preciso passar depressa todas as bolas para o outro lado, o que cansa, mas é possível.
Percepção	O plano não inclui esta seção.
Trecho adicional	No fim do arquivo aparecem uma segunda atividade de encerramento (“Os anéis olímpicos” e, como alternativa,

	"A arte dos esportes"), outros princípios didáticos (possibilidade de decisão e ação por iniciativa própria) e outras capacidades e formas de percepção.

Fonte: Mast (2024). Tradução da equipe brasileira, revisada por Fabiana Mast.

ORIGINAL (ALEMÃO) · HANDBALL	
Namen der Schüler/Schülerinnen	Studierende der Klasse FA1 der Fachakademie für Sozialpädagogik, Bfz Augsburg
Klasse	FA1
Datum des Leistungsnachweises	07.05.2024
1. Thema	Handball
2. Situativer Ansatz & Zielgruppe	Unsere Zielgruppe ist die zweite Klasse der Grundschule. Wir haben uns für das Thema Handball entschieden, weil es mehrere Bewegungsmöglichkeiten bietet und Bewegungsfähigkeiten fördert. Beim Handball wird insbesondere der Spielerische Aspekt vom Teamsportarten in den Vordergrund gerückt. Zudem können die Kinder sich durch die Spiele in ihren Fähigkeiten und Können messen was in dieser Altersgruppe oft als Motivator dient.
3. Zielsetzung	Im laufe des Angebots können die Kinder ihre Motorik durch das Werfen und Fangen üben und somit ihre Hand und Augen Koordination verfeinern. Durch gezieltes Werfen soll die Konzentrationsfähigkeit/Kognition auf bestimmte Bewegungsabläufe geschult werden. Den Kindern wird durch das Bewegungsangebot die Möglichkeit geboten, einen Ausgleich zum vom Sitzen geprägten Schulalltag zu schaffen, was sich positiv auf die Gesundheit auswirken kann.
4. Vorbereitung	4.1 Medien und Material: Kreppband, Hütchen, Bälle, Tennisbälle, Musikbox, Tische 4.2 Raum und Raumgestaltung: Wir bekleben den Boden mit Kreppband und formen daraus ein Spielfeld für unser Hauptspiel Hütchen Handball. Die Tore werden 5 Hütchen sein, die wir auf die gegenüberliegende Seite stehen haben links und rechts. Mehr ist für die Raumgestaltung nicht nötig, da Handball grundsätzlich auf einem Spielfeld

	stattfindet. Für die anderen zwei spiele gibt es nur Bälle von Nöten. Gegebenenfalls kann das letzte spiel mit Tischen als Hindernisse erweitert werden. 4.3 Vorüberlegung: Zuallererst müssen wir die Tische auf die Seite räumen damit wir möglichst viel Bewegungsfreiheit haben. Es ist wichtig den Raum bestmöglich freizuräumen, ohne dass noch etwas auf den Boden liegt, worüber man stolpern könnte. Es sollte darauf geachtet werden, dass sowohl die Kinder als auch wir, entsprechende Sport- Kleidung und Schuhe tragen. Getränke müssen in der nähe sein. Schmuck oder Accessoires müssen abgenommen werden. Die Verhaltensregeln werden zu Beginn des Angebotes geklärt. (Zb.: wer auf die Toilette muss, gibt Bescheid und geht nicht einfach). Es wird geklärt, dass jederzeit Fragen gestellt werden dürfen.
5.1 Einleitung	Aufwärmrunde (Fang- und Wurf Übung) Wir stellen uns gemeinsam mit den Kindern in einen Kreis auf. Wenn wir vorstellen uns den Kindern dementsprechend vorgestellt haben mit Namen und Hobby beginnen wir mit den Kindern. Sie werden von uns einen ball zugeworfen bekommen und nennen ihren Namen und eine Information über sich. (Lieblingsessen, Hobby, …) Zusatz bei schönem Wetter: Falls das Wetter es erlaubt, versuchen die Kinder den ball möglichst weit zu werfen. Oder mit einem Partner gemeinsam fangen und werfen zu üben.
5.2 Durchführung – Hauptaktivitäten	Hütchenhandball: Nachdem wir die Kinder in zwei Gruppen aufgeteilt haben, erklären wir das Spiel Hütchen Handball. (Kinder dürfen entscheiden ob groß gegen klein oder Kinder gegen Kinder). Dazu haben wir als Team das Feld mit Kreppband aufgeteilt und die 2 Tore aus 5 farbigen Hütchen aufgestellt auf jeder Seite. Das Ziel vom spiel ist die Hütchen vom anderen Team umzuwerfen. Sobald alle 5 Hütchen umgeworfen wurden von einem Team werden die Gruppen durchgemischt damit keine Konflikte wegen gewinnen oder verlieren zustande kommen. Als Erschwerung oder Erleichterung geben wir jeder runde einen neuen

	ball hinzu damit die Kinder aktiver werden. Dieser Gedanke kam zustande da wir merkten, dass die Kinder aus der Grundschule schnell abgelenkt oder uninteressiert werden könnten, wenn sie zu lange stehen.
5.3 Abschlussaktivität	Kokusnussball. Es werden zwei Teams gebildet und ein Spielfeld mit zwei Seiten und einer Mittellinie mit Kreppband auf den Boden geklebt. In Jeder Spielfeldhälfte werden gleich viele Bälle platziert. Die Zwei Teams werfen während Musik gespielt wird so viele Bälle wie möglich aus ihrem Feld in das Gegenüberliegende Spielfeld. Nach einer Weile wird die Musik gestoppt und das Spiel endet. Ziel ist es möglichst wenige Bälle in seinem Feld zu haben.
Didaktische Prinzipien (Zimmer, 2014)	Freiwilligkeit: Mit unserem Bewegungsangebot Bieten wir den Kindern die Freiwilligkeit ob und wie sie an dem Angebot teilnehmen möchten. Im ersten spiel können die Kinder sich so einbringen wie sie möchten, ob sie etwas sagen und was. Lebensnähe: Die Lebensnähe wird gewahrt, indem man sich bei den Spielen an einer bereits bestehenden Sportart (Handball orientiert)
Bewegungsfähigkeiten	Koordination: Ballspiele förder die Koordination. Die Kinder fördern ihre Hand und Augen Koordination durch Werfen und Fangen Ausdauer: Die Kinder üben ihre Ausdauer im teamspiel hütchenhandball. Sie rennen springen oder werfen so lange bis die Hütchen umgeworfen sind. Zudem ist das letzte spiel auf Ausdauer und Schnelligkeit angelegt da sie schnell alle Bälle auf die andere Seite werfen passen, was auch auf zeit anstrengend sein kann aber auch machbar ist.
Wahrnehmungen	–
Zusatz (im Dokument angehängt)	5.3 Abschlussaktivität: „Die olympischen Ringe“ Die Kinder bilden einen Kreis und nehmen sich an den Händen. Wir geben zwei bis drei Ringe (Reifen) zwischen die Kinder, durch die sie dann nach der Reihe hindurch klettern müssen, ohne sich dabei loszulassen. Alternativ Entspannungsspiel: „Kunst der Sportarten“ Die Kinder bilden einen Kreis und schließen die Augen. Die erwachsenen bilden hinter

	ihnen einen Kreis, in der Mitte des Kreises zeigt eine Person eine Sportart und spielt Modell. Die erwachsenen bewegen ihr Kind nun so, dass es dem Modell in der Mitte entspricht. Am Ende öffnen die Kinder ihre Augen und raten welche Sportart sie darstellen. Im Anschluss gibt es einen Abschlusskreis indem mit den Kindern reflektiert wird, wie ihnen die gemeinsamen Sportarten gefallen hat Didaktische Prinzipien: Entscheidungsmöglichkeit: Die Kinder haben bei unserem zweiten Hauptspiel die Möglichkeit, selbstbestimmt zu handeln und eigene Entscheidungen zu treffen, indem sie selbst bestimmen, wie sie den Parcours bewältigen. Selbsttätigkeit: Kinder lernen durch Spiel auf verschiedenen Ebenen. Besonders bei unserem ersten Hauptspiel, werden die Dosierung der Kräfte geübt, das Durchhaltevermögen gefördert, sowie die Hand-Augen-Koordination trainiert. Dies wird an unserem Spiel „Sportarten Memory" ersichtlich Bewegungsfähigkeiten: Koordination: Die Koordination ist das harmonische zusammenwirken von Sinnesorganen, peripherem und zentralem Nervensystem sowie der Skelettmuskulatur. In unserem Bewegungsangebot wird diese Fähigkeit in dem Spiel „Parcours der Olympischen Spiele" geübt. Dadurch, dass man mit dem Teppich die Hindernisse bewältigen muss und zugleich das Gleichgewicht halten muss, damit man nicht hinfällt. Beweglichkeit: Ist die Fähigkeit, Bewegungen mit großen Bewegungsamplituden auszuführen. Dehnfähigkeit umfasst die Bewegungsweite der Muskeln, Sehnen, Bänder und Kapseln. Dies ist bei den olympischen Ringen durch die ständige Bewegung und Dehnung der Fall. Schnelligkeit: Ist die Fähigkeit, Signale aufzunehmen und mit körperlichen Bewegungen in höchster Geschwindigkeit zu reagieren. Die Schnelligkeit kann sich auf Teilkörperbewegungen der Arme oder Beine sowie auf Ganzkörperbewegungen beziehen. Dies ist der Fall bei unserem Spiel „welche Sportart ist gefragt" von

	den unterschiedlichsten Klängen und Geräuschen. Diese werden dann von außen über das Ohr weitergeleitet. Die Töne, die wir wahrnehmen, können werden über Schwingungen an das Gehirn weitergeleitet werden. Dort werden diese dann auch verarbeitet. Dies ist der Fall bei unserem Spiel „Welche Sportarten gibt es?“, indem wir die Sportarten rufen werden und die Kinder genau zuhören müssen, um zu erfahren zu welcher Karte sie sich begeben sollen. Wahrnehmungen: Vestibuläre Wahrnehmung: Die Vestibuläre Wahrnehmung beinhaltet die Sinneswahrnehmungen, wie zum Beispiel das Gleichgewicht, den eigenen Körper beherrschen zu können sowie und die gewünschten Bewegungen erzielen zu können. Bei unserem Bewegungsangebot „Parcours der Olympischen Spiele“ wird die Vestibuläre Wahrnehmung beansprucht, da man eine gute Körperbeherrschung benötigt sowie den Gleichgewichtssinn.

Fonte: Mast (2024).

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Ana Patrícia da Silva (organizadora) – Pós-doutora em Ciências Médicas (UERJ), doutora e mestra em Educação (UFRJ). Professora associada da UERJ, lotada no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), e Procientista (Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística da UERJ). Coordena o projeto de pesquisa Corpo e Inclusão em Educação e de iniciação à docência "Inclusão em Educação Física escolar: desafios e potencialidades da prática pedagógica", o projeto de extensão "Práticas pedagógicas em Educação Física escolar: outras possibilidades" e o Laboratório de Estudos e Pesquisa Corpo e Inclusão em Educação (LABCORPIE), vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa "Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos" (GESDI/EDU-UERJ), do qual é pesquisadora. Coordenou o projeto Prodocência "O corpo como prática pedagógica: um diálogo entre Rio de Janeiro (Brasil) e Augsburg (Alemanha)", que deu origem a este livro. Autora do capítulo 1.

Caio César De Rosa Bittencourt – Licenciado em Educação Física (UERJ), bacharel em Educação Física (UNESA) e pós-graduado em Educação Física Escolar e em Psicomotricidade (UNINTER). Foi bolsista do Proejai (Cap-UERJ) e voluntário do projeto de extensão "Práticas pedagógicas em Educação Física escolar: outras possibilidades". Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautor do capítulo 3.

Camilla Ribeiro Ramos Antunes – Licenciada em Educação Física (UERJ), graduanda em Bacharelado em Educação Física (UERJ) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do

Exercício e do Esporte (PPGCEE/UERJ). Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Cap-UFRJ) e do Colégio Pedro II. Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautora do capítulo 3.

Fabiana Rodrigues de Sousa Mast – Doutora pelo Departamento de Esporte, Atividade Física e Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade de Basileia (Suíça). Professora de Educação Física e de Inclusão em duas escolas de formação profissional na província do Tirol do Sul (Itália). À época do projeto, era professora de Pedagogia do Movimento e Rítmica da Fachakademie für Sozialpädagogik do Bfz Augsburg (Alemanha), onde coordenou as atividades do projeto Prodocência. Coautora do capítulo 4.

Izabelly dos Santos Santana – Licenciada em Educação Física (UERJ, 2023), graduanda em Bacharelado em Educação Física (UERJ), pós-graduada em Treinamento de Força e Musculação (UFRJ, 2026) e pós-graduanda em Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (UFRJ). Professora no município de São Pedro da Aldeia (RJ). Foi bolsista do projeto de pesquisa "Inclusão em Educação Física escolar: desafios e potencialidades da prática pedagógica" (Cap-UERJ) e participou do projeto de extensão "Práticas pedagógicas em Educação Física escolar: outras possibilidades". Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautora do capítulo 2.

Jessica Costa dos Santos – Licenciada em Educação Física (UERJ). Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautora do capítulo 2.

João Victor de Oliveira Pinto – Foi licenciando em Educação Física no Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ (IEFD-UERJ) à época do projeto. Técnico especialista em Exercício Físico (FA Lisboa), com formação em Creation & Branding e em Operation & Supply Chain (LVMH). Foi bolsista do Proejai (Cap-UERJ) e voluntário do projeto de extensão "Práticas pedagógicas em Educação Física escolar: outras possibilidades". Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautor do capítulo 2.

Jorge Manoel da Silva Junior – Licenciado em Educação Física (UERJ). Tutor de esporte da Secretaria Especial da Juventude Carioca. Foi voluntário do projeto de extensão "Práticas pedagógicas em Educação Física escolar: outras possibilidades" (Cap-UERJ). Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautor do capítulo 2.

Lucas Pereira de Souza Lima – Licenciado em Educação Física (UERJ). Integrou projetos de extensão e de iniciação à docência do Cap-UERJ e a equipe do projeto Prodocência, e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautor do capítulo 3.

Michael Pires Soares – Licenciando em Educação Física (IEFD-UERJ). Bolsista do Proejai (Cap-UERJ) e integrante do LABCORPIE (Cap-UERJ). Foi bolsista do projeto de iniciação à docência "Corpo consciente, prática pedagógica e educação libertadora" (Cap-UERJ). Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas

pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautor do capítulo 4.

Rafaela Soares Cortes – Licencianda em Educação Física (IEFD-UERJ). Integra o LABCORPIE (Cap-UERJ), vinculado ao GESDI/EDU-UERJ, e projetos de extensão e de iniciação científica do Cap-UERJ. Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautora do capítulo 4.

Tamires Pecina da Silva – Licencianda em Educação Física (IEFD-UERJ). Foi bolsista do Laboratório de Fisiologia Aplicada à Educação Física (LAFISAEF-UERJ), em projeto de extensão de promoção da saúde para servidores da UERJ. Integrou a equipe do projeto Prodocência e participou da produção do livro Corpo consciente, inclusão e práticas pedagógicas em Educação Física escolar: volume 1 (Pedro & João Editores, 2023). Coautora do capítulo 2.

ÍNDICE REMISSIVO

A
Acessibilidade, 17, 18, 26, 32, 33
Anos iniciais do Ensino Fundamental, 9
Augsburg, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 19, 61, 63, 64, 67, 68
Autonomia, 33, 49, 55, 67
Avaliação, 15, 18, 34, 63
B
Bewegte Schule, 15, 62
C
CAp-UERJ, 9, 13, 17, 18, 25, 27, 28, 30, 31, 37, 39, 48, 57, 62, 63, 66, 67
Consciência crítica, 12
Corpo (Körper e Leib), 13
Corpo consciente, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 26, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 56, 57, 61, 65, 66
Corponormatividade, 12, 51
Currículo cultural, 38
D
Deficiência, 12, 15, 34, 40
Diálogo, 11, 12, 26, 34, 38, 62, 63
E
Educação bancária, 15, 34
Educação Física escolar, 9, 11, 38
Educação libertadora, 62
Esportes pouco conhecidos, 17, 18, 37, 39, 40, 43, 45, 47, 50, 52, 54, 57
bocha, 37, 39, 40, 41, 42
flag football, 39, 42, 43, 44
marcelobol, 39, 53, 54, 55
punhobol, 37, 39, 51, 52, 53
quicabol, 39, 49, 50, 51
slackline, 19, 37, 39, 46, 47, 48, 49
ultimate frisbee, 39, 44, 45, 46, 57
Extensão ou comunicação?, 10, 26
F
Formação docente, 9, 10, 13, 18, 19, 34, 37, 58, 61, 67
Freire, Paulo, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 26, 34, 38, 49, 62
G
Gênero, 12, 13, 19, 53, 57
I
Inclusão, 11, 14, 26, 58, 62
Inconclusão, 12
Inédito-viável, 12, 13, 26, 51, 57

J
Jogos Olímpicos de Paris, 63, 64
L
Leitura do mundo, 12, 44
Libras, 18, 28, 33
Linguagem, 26, 34
M
Marcadores de diferença, 12, 13, 34, 39
Materiais alternativos, 64
O
Olimpíada do CAp-UERJ, 17, 18, 25, 27, 28, 30, 31, 63
P
Pandemia de covid-19, 66
Pedagogia do Movimento e Rítmica, 9, 62
Planos de aula, 10, 16, 19, 30, 32, 34, 37, 39, 40, 43, 45, 47, 50, 51, 54, 55, 67
  adaptação, 33, 41, 44, 46, 48, 50, 53, 54, 56, 61, 62, 65, 66, 67
  tradução, 17, 34, 61, 62
Práxis, 16, 62
Princípios didáticos, 16, 64
Problematização, 53, 61
Prodocência, 9, 16, 17, 18, 25, 26, 37, 57, 61
R
Raça, 12, 31
Regulamento, 17, 18, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34
Relato de experiência, 10, 25, 37, 61
Roda de conversa, 19, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 43, 45, 47, 48, 50, 52, 54, 56, 57, 58, 62
S
Situação-limite, 12, 15, 18, 26, 39, 40, 57
T
Tematização, 16, 18, 32, 38, 39, 42, 44, 46, 49, 51, 53, 55, 56, 57
V
Vídeos, 17, 18, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34
Z
Zimmer, Renate, 16, 64
Zombaria, 13, 18, 51, 57, 58

127,969 mm

Da expressão corpo consciente, de Paulo Freire, a coordenadora do projeto formula a categoria de análise que atravessa este livro. Com ela, a equipe analisa a formação docente que viveu entre o CAp-UERJ e Augsburg.



Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-3376-5